

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Compreender A Violência Escolar: Uma Revisão Rápida sobre as Características, Fatores Associados e Intervenções

Josafá Moreira da Cunha, Hellen Tsuruda Amaral, Bianca Nicz Ricci, Sarah Aline Roza, Vitor Atsushi Nozaki Yano

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7095>

Submetido em: 2023-09-27

Postado em: 2023-11-30 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Jonathan Santo (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2057-1519>)

Justificativa da versão: A versão mais recente (v2) do artigo foi atualizada em atenção ao feedback da editora da revista à qual foi submetida. Ampliamos significativamente as seções de introdução e discussão para fornecer um contexto mais abrangente para o estudo, elaborando sua importância e as implicações de nossas descobertas em maior detalhe. Essas modificações foram realizadas com o intuito de melhorar a clareza, profundidade e qualidade geral do trabalho.

ARTIGO

COMPREENDER A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UMA REVISÃO RÁPIDA SOBRE AS CARACTERÍSTICAS, FATORES ASSOCIADOS E INTERVENÇÕES

JOSAFÁ MOREIRA DA CUNHA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4003-6847>
josafas@ufpr.br

HELLEN TSURUDA AMARAL²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4511-4426>
hellentsuruda@gmail.com

BIANCA NICZ RICCI^{1, 3}

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3807-7006>
biancanicz@gmail.com

SARAH ALINE ROZA⁴

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7777-7155>
sarah.a.roza@gmail.com

VITOR ATSUSHI NOZAKI YANO⁵

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8363-4898>
vitoryano@gmail.com

¹ Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil.

² Universidade Estadual do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

³ Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba, Curitiba, PR, Brasil.

⁴ Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

⁵ Concordia University, Montreal, QC, Canada.

RESUMO: As instituições de ensino devem ser ambientes acolhedores e seguros para promover o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes. No entanto, a segurança nas escolas tem sido comprometida por uma série de incidentes de violência escolar, que abrange desde vitimização entre pares e bullying até ataques armados. Este estudo realiza uma revisão rápida de revisões sistemáticas sobre violência escolar conduzidas no Brasil e no exterior, com o objetivo de compreender as características da violência escolar, seus fatores associados, ataques armados em escolas e possíveis medidas de prevenção e intervenção diante da violência escolar. Foi adotada uma abordagem de revisão rápida, seguindo o protocolo PRISMA (Page et al., 2020), com ênfase em revisões sistemáticas sobre violência escolar, as quais foram rastreadas por meio da busca de títulos em onze bases de dados. Foram recuperadas 1738 publicações e, após a exclusão das duplicatas, triagem das referências e avaliação da qualidade dos textos completos localizados, 127 estudos foram mantidos na análise. As categorias resultantes da análise foram: características da violência escolar (15% dos estudos), fatores associados à violência escolar (45,7%), intervenções diante da violência escolar (33,8%) e ataques armados às escolas (5,5%). Os resultados destacaram a complexidade da violência escolar e a heterogeneidade das taxas de prevalência de violência escolar, além de destacar a necessidade de mais pesquisas sobre a violência escolar no contexto brasileiro para a o desenvolvimento e avaliação de intervenções inclusivas e culturalmente adequadas.

Palavras-chave: violência escolar; bullying; prevenção; revisão sistemática.

UNDERSTANDING SCHOOL VIOLENCE: A RAPID REVIEW ON CHARACTERISTICS, ASSOCIATED FACTORS, AND INTERVENTIONS

ABSTRACT: Educational institutions must create welcoming and secure environments to foster student learning and development. However, safety in schools has been compromised by a series of incidents involving school violence, ranging from peer victimization, and bullying to armed attacks. This study conducts a rapid review of systematic reviews on school violence conducted both in Brazil and internationally, aiming to comprehend the characteristics of school violence, its associated factors, armed attacks in schools, and potential prevention and intervention measures to address school violence. A rapid review approach was employed, following the PRISMA protocol (Page et al., 2020). The focus was on systematic reviews related to school violence, identified through title searches across eleven databases. A total of 1,738 publications were retrieved. After removing duplicates, screening references, and evaluating the quality of the full texts, 127 studies were included in the analysis. The resulting categories were as follows: characteristics of school violence (15% of studies), factors associated with school violence (45.7%), interventions to combat school violence (33.8%), and armed attacks on schools (5.5%). The findings underscore the complexity of school violence and the variability in prevalence rates, while also emphasizing the need for further research on school violence within the Brazilian context contributing to the development and evaluation of inclusive and culturally appropriate interventions.

Keywords: school violence; bullying; prevention; systematic review.

COMPRENDIENDO LA VIOLENCIA ESCOLAR: UNA REVISIÓN RÁPIDA SOBRE CARACTERÍSTICAS, FACTORES ASOCIADOS E INTERVENCIONES

RESUMEN: Las instituciones educativas deben ser entornos acogedores y seguros para promover el aprendizaje y el desarrollo de los estudiantes. Sin embargo, la seguridad en las escuelas se ha visto comprometida por una serie de incidentes de violencia escolar, que van desde la victimización entre iguales y el acoso hasta ataques armados (Polanin et al., 2020; Silva et al., 2020). Este estudio realiza una revisión rápida de revisiones sistemáticas sobre violencia escolar realizadas en Brasil y en el extranjero, con el objetivo de comprender las características de la violencia escolar, sus factores asociados, los ataques armados en las escuelas y posibles medidas de prevención e intervención frente a dicha violencia. Se adoptó un enfoque de revisión rápida, siguiendo el protocolo PRISMA (Page et al., 2020), con énfasis en revisiones sistemáticas sobre violencia escolar, que se rastrearán mediante la búsqueda de títulos en once bases de datos. Se recuperaron 1.738 publicaciones y, después de excluir duplicados, seleccionar referencias y evaluar la calidad de los textos completos localizados, se mantuvieron en el análisis 127 estudios. Las categorías resultantes del análisis fueron: características de la violencia escolar (15% de los estudios), factores asociados a la violencia escolar (45,7%), intervenciones para abordar la violencia escolar (33,8%) y ataques armados en escuelas (5,5%). Los resultados resaltaron la complejidad de la violencia escolar y la heterogeneidad de las tasas de prevalencia de la violencia escolar, además de resaltar la necesidad de más investigaciones sobre la violencia escolar en el contexto brasileño, contribuyendo al desarrollo y la evaluación de intervenciones más inclusivas y culturalmente apropiadas.

Palabras clave: violencia escolar; acoso; prevención; revisión sistemática.

INTRODUÇÃO

O que acontece com os processos de ensino, aprendizagem e convivência quando as escolas, que devem ser refúgios seguros para a educação, tornam-se palcos de violência? A segurança em espaços

escolares tem sido comprometida por incidentes de violência que incluem até mesmo atentados contra a vida, como no caso dos tiroteios em massa (Prado, 2023), como no ataque de um ex-aluno a uma escola em Cambé (PR), com duas vítimas fatais. Este fenômeno, que compreende atos de violência ocorridos dentro do ambiente escolar ou em atividades relacionadas à escola, impacta negativamente não só os estudantes, mas também professores, famílias e comunidades em geral (Polanin et al., 2020). O estudo deste fenômeno exige uma abordagem abrangente, aprofundando a compreensão dos principais fatores associados a esse problema complexo e multifacetado (Nesello et al., 2014).

Em 2021, pelo menos 669 escolas no Brasil suspenderam suas atividades devido a episódios de violência, destacando a prevalência e gravidade deste problema no Brasil (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023), enquanto um número elevado de estudantes deixou de frequentar as aulas diante de episódios de violência. Por exemplo, em 2021 uma adolescente de 14 anos em uma escola cívico-militar em Curitiba (Paraná) foi vítima de racismo e outras ofensas dentro da instituição. Ela deixou de ir à escola depois de receber uma ameaça de morte e encontrar no seu caderno ameaças como 'Preta desgraçada vou te matar' (sic) (Alcântara, 2021). Este caso, entre outros, ilustra a gravidade e a natureza multifacetada da violência escolar no Brasil. Além disso, dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) indicam que 23% dos estudantes brasileiros foram vítimas de bullying em 2019, enquanto 12% admitiram praticar tal comportamento (Malta et al., 2022), revelando que a violência escolar no Brasil não se restringe a incidentes isolados, mas sim, oferece um desafio persistente e multifacetado. Mas quais seriam os limites da violência em contextos escolares?

A violência escolar abrange desde atos de agressão verbal e física entre estudantes até formas mais graves, como ataques contra a vida e tiroteios em massa, que parecem tornar-se cada vez mais frequentes nas escolas brasileiras (Prado, 2023). Este cenário alarmante reflete não apenas a violência física e armada, mas também inclui incidentes de violência verbal, psicológica, sexual, entre outras formas que ocorrem dentro e nos arredores das escolas (Nesello et al., 2014; Coelho, 2016). Esses atos de violência têm origem em uma rede complexa de influências, tanto internas quanto externas ao contexto escolar, tornando desafiador isolar um único fator como a causa principal desses incidentes (Gázquez et al., 2015).

As escolas devem ser considerados locais seguros e de convivência positiva, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento de estudantes (Polanin et al., 2020). Elas são espaços onde estudantes não apenas aprendem conteúdos e habilidades cognitivas, mas também desenvolvem habilidades sociais e emocionais, interagem com seus pares e abordam novas formas para abordar problemas individuais e sociais. No entanto, a realidade da violência escolar contradiz este ideal, afetando negativamente todos os envolvidos e refletindo a urgência de abordar este problema no contexto educacional (Gusfre et al., 2022; Turanovic & Siennick, 2022; Gizzarelli et al., 2023; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023).

A prevalência da violência escolar desafia a noção de que as escolas são meramente instituições de ensino e aprendizagem. Essa expectativa é frequentemente desafiada por uma complexidade de interações violentas que vão além das dinâmicas simples de agressor e vítima. Uma abordagem estática que classifica os envolvidos apenas como agressores ou vítimas pode desconsiderar o ciclo vicioso pelo qual estudantes e outros membros da comunidade escolar interagem de maneira violenta, seja como alvos ou perpetradores de agressões até mesmo em situações cotidianas aparentemente simples (Cunha, 2018). Assim, a violência escolar emerge não apenas como uma questão de segurança, mas também como um sintoma de problemas sociais mais profundos, como desigualdades, exclusão social e falhas em políticas públicas (Ribeiro et al., 2013; Cookson & Darling-Hammond, 2022). Esta perspectiva ressalta a importância de abordagens holísticas que considerem a interconexão entre aspectos individuais, escolares, familiares e comunitários para compreender a dinâmica da violência escolar.

As características da violência escolar no Brasil e em outros contextos internacionais são diversas, com o bullying sendo uma das formas que tem recebido mais atenção em estudos conduzidos no Brasil (Nesello et al., 2014) e em outros países (Lester et al., 2017). Definido como comportamentos agressivos e repetitivos entre estudantes onde há desequilíbrio de poder, o bullying e suas variantes, como o cyberbullying, em que ataques violentos são articulados por meio do uso de tecnologias de informação e comunicação (Cunha et al., 2020), evidenciam a complexidade das interações violentas no ambiente escolar (Olweus, 1993; Lester et al., 2017; Nesello et al., 2014). Além disso, fatores demográficos como gênero, orientação sexual e raça/cor influenciam a incidência e a natureza da violência entre pares em contextos educacionais. Estudantes LGBTI+ e de grupos étnicos minoritários também enfrentam taxas mais altas de vitimização, destacando a importância de abordagens inclusivas e sensíveis a essas diferenças (Bandeira & Hutz, 2012; Smith et al., 2019; Asinelli-Luz & Cunha, 2011; Alexander et al., 2011; Goodenow et al., 2016; Reis et al., 2016; Malta et al., 2019; Xu et al., 2020).

Os profissionais da educação, incluindo professores e funcionários, também são alvos frequentes de violência, muitas vezes sofrendo agressões verbais e até físicas. Uma meta-análise de estudos internacionais indicou que mais da metade dos professores da educação básica relatavam haver sofrido algum tipo de violência por parte dos estudantes, abrangendo desde a violência verbal até ataques físicos e sexuais (Longobardi et al., 2019). No Brasil, a violência contra professores é uma questão relevante, com dados da edição 2017 do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) revelando a ocorrência de ataques contra bens pessoais e até contra a vida de docentes dentro de várias escolas no Brasil (Plassa et al., 2021). Estes dados ressaltam a gravidade da situação e a necessidade urgente de abordar a violência escolar para criar um ambiente mais seguro e acolhedor para aqueles que se dedicam ao ensino (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023; Modzeleski & Randazzo, 2018).

Os episódios graves de violência em escolas incluem homicídios e estupros em proporções alarmantes. Dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM-MS) mostram que uma porcentagem significativa de homicídios registrados entre 2008 e 2018 ocorreu no ambiente escolar (Cerqueira et al., 2021). A violência armada nas escolas, especialmente os homicídios em massa, tem mostrado uma tendência crescente, refletindo uma preocupação crescente com a segurança nas escolas brasileiras (Prado, 2023; Roza et al., 2023). Entretanto, ainda há poucos estudos empíricos no contexto nacional examinando as características dessas formas mais graves de violência e seus possíveis determinantes, além de tentar examinar possíveis efeitos em cascata nos quais conflitos interpessoais aparentemente banais se somam à negligência dentro e fora dos muros da escola criando as condições para episódios de violência mais grave, como no caso de assassinatos em escolas.

Os fatores associados à violência escolar são numerosos e complexos, incluindo elementos individuais e sociais. No âmbito social, aspectos como a pobreza, a desigualdade social e a exposição à violência comunitária são preditores importantes de violência nas escolas (Cookson & Darling-Hammond, 2022; Ribeiro et al., 2013). O ambiente familiar, com a presença de violência doméstica e comportamentos parentais negativos, também influencia o risco de envolvimento dos jovens em violência escolar, enquanto um ambiente familiar positivo oferece proteção (Nesello et al., 2014; Oliveira et al., 2015). Aspectos individuais como agressividade, impulsividade e habilidades interpessoais deficientes aumentam a probabilidade de envolvimento em comportamentos violentos, assim como transtornos de saúde mental podem ser tanto uma causa quanto uma consequência da violência (Álvarez-García et al., 2015; Farrington & Baldry, 2010). Contudo, é importante reconhecer que não existe um único fator que explique todas as formas de violência escolar em diferentes contextos e momentos. Abordagens que articulam aspectos individuais, contextuais e a relação entre diversos fatores oferecem uma compreensão mais abrangente e eficaz do fenômeno da violência escolar, reconhecendo sua natureza intrinsecamente multifacetada e dinâmica.

A violência escolar gera impactos profundos e duradouros, afetando a saúde mental e o desempenho acadêmico tanto de vítimas quanto de agressores. Perpetradores da violência frequentemente enfrentam riscos maiores de problemas de saúde mental, como depressão, além

comportamentos antissociais (Turanovic & Siennick, 2022), enquanto vítimas também lidam com prejuízos à saúde mental, problemas de sono e dores (Due et al., 2005; Roza et al., 2021), além de um aumento na probabilidade de necessitar de atendimento psiquiátrico (Kumpulainen et al., 1998). Estudantes que observam a violência podem ter sua concentração e frequência às aulas diminuídas, impactando o desempenho escolar (Abramovay & Rua, 2002; Teixeira & Kassouf, 2015; Deole, 2017), enquanto professores e outros profissionais da escola sofrem com desengajamento profissional, afetando a qualidade da educação (Plassa et al., 2021).

Além das consequências imediatas para a saúde e o bem-estar dos envolvidos, a violência escolar prejudica o ambiente educacional como um todo, interferindo nos processos de ensino e aprendizagem e comprometendo o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Turanovic & Siennick, 2022; Polanin et al., 2020). Essa violência também afeta a comunidade escolar em geral, impactando o desempenho acadêmico de estudantes além de trazer prejuízos ao engajamento de professores e funcionários com o trabalho pedagógico (Teixeira & Kassouf, 2015; Deole, 2017). Por exemplo, estudo baseado no questionário sociodemográfico do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) revelou que incidentes de violência e discriminação na escola prejudicavam significativamente não apenas o rendimento acadêmico de estudantes vitimizados, mas também de toda a escola (Cunha & Santo, 2023). O medo e a insegurança gerados pela violência escolar podem levar à evasão, ao baixo rendimento escolar e a problemas de saúde mental, sublinhando a necessidade de ações preventivas e estratégias de intervenção eficazes para criar um ambiente escolar seguro e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Diante desse panorama, é crucial discutir programas e práticas eficazes na prevenção da violência escolar. Programas socioemocionais, que incluem habilidades de resolução pacífica de conflitos, empatia e comunicação assertiva, têm se mostrado promissores. Eles são mais eficazes quando integrados a abordagens universais que envolvem toda a escola, sugerindo a necessidade de uma abordagem holística e inclusiva para prevenir a violência escolar (Lester et al., 2017; Okonofua et al., 2016; Welsh & Little, 2018). A eficácia dos programas de prevenção à violência escolar depende não apenas do conteúdo desses programas, mas também de como são implementados, necessitando do suporte adequado à equipe escolar e adaptação ao contexto local (Ponsford et al., 2022). Assim, a abordagem à violência escolar deve ser multifacetada, envolvendo mudanças nas políticas, nas práticas e no clima escolar.

Em resposta à crescente preocupação com a violência escolar e seus impactos, que vão desde prejuízos à saúde e ao desempenho acadêmico até consequências sociais mais amplas (Polanin et al., 2020), esforços de pesquisa têm se intensificado no Brasil, e este trabalho tem como objetivo desenvolver uma revisão de literatura ampla sobre a violência escolar. Contudo, revisões sistemáticas recentes conduzidas no país, como as de Silva et al. (2017 e 2020), apontam para uma lacuna significativa: a escassez de estudos com amostras brasileiras que abordem de forma abrangente os múltiplos aspectos da violência escolar. Diante limitação na literatura nacional este trabalho propõe uma revisão sistemática adota uma abordagem de levantamento de estudos sistemáticos, tanto nacionais quanto internacionais, a fim de compilar e analisar as evidências disponíveis sobre o tema de forma mais abrangente. Neste contexto, a presente revisão sistemática rápida se propõe a examinar de forma detalhada (1) as características da violência escolar, (2) seus fatores associados, (3) ataques armados em escolas, e (4) estratégias de prevenção e intervenção eficazes. A revisão oferece uma síntese de evidências a respeito dos preditores, consequências e possíveis ações diante da violência escolar, oferecendo subsídios baseados em evidências para educadores, pesquisadores e formuladores de políticas interessados em desenvolver e avaliar estratégias de prevenção e intervenção diante da violência escolar.

MÉTODOS

Esta revisão rápida de revisões sistemáticas foi preparada de acordo com o protocolo de Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA) (Hamel et al., 2021; Page et al., 2020). O protocolo PRISMA é um conjunto reconhecido internacionalmente de diretrizes

destinado a melhorar a transparência e a qualidade de relato em revisões sistemáticas e meta-análises, assegurando que todos os aspectos críticos da revisão sejam documentados e comunicados de forma clara em sua versão atualizada (Page et al., 2020). Uma revisão sistemática rápida é uma abordagem de pesquisa que sintetiza as evidências disponíveis sobre um tópico específico em um prazo curto, mantendo rigor e transparência, sendo especialmente útil para informar decisões em situações de tempo limitado (Hamel et al., 2021). Esta revisão rápida de revisões sistemáticas foi realizada entre julho e agosto de 2023, desde a formação da equipe até a escrita deste relatório.

Estratégia de Busca

As revisões de literatura sobre violência escolar foram localizadas através das bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), EBSCO, Education Resources Information Center (ERIC), Google Scholar, PsycInfo, PubMed, Sage, Scielo Brasil, Scopus, Taylor & Francis e Wiley, sendo que a pesquisa nas bases de dados foi realizada independentemente por dois autores. Concentramos nossa busca no campo “título” das referências, utilizando os seguintes termos e suas combinações: (escola OU estudante OU pares OU professores) E (violência OU vitimização OU bullying OU agressão OU tiros) E (revisão OU metanálise OU síntese), sendo que a versão em inglês dos termos foi utilizada em todas as plataformas, e termos em inglês e português foram utilizados nas plataformas BVS, Google Scholar, e Scielo Brasil. A estratégia básica de busca é detalhada na Tabela Suplementar 1 (disponível em <https://osf.io/wk82f/>). Além disso, foi aplicado um filtro para selecionar publicações no intervalo de 2010 a 2023. O delineamento da busca, baseado apenas em títulos possibilitou uma análise mais ágil dos resultados da busca, embora limitasse o alcance da busca. Por exemplo, ao pesquisar pelos termos desta revisão na base SCOPUS, levando em conta o título, resumo ou palavras-chave, foram identificadas 6.295 referências. Já uma busca direcionada somente aos títulos resultou em 226 referências. Considerando as limitações temporais para a identificação de referências, foi adotada uma estratégia de busca concentrada nos títulos.

Crítérios de Inclusão e Exclusão

Considerando o escopo amplo das perguntas de pesquisa, esta revisão rápida se concentrou em revisões sistemáticas de literatura. Quatro critérios adicionais de inclusão foram aplicados no processo de identificação de referências: (a) artigos, capítulos ou relatórios técnicos publicados em inglês, português, ou espanhol; (b) com delineamento de revisão sistemática, (c) avaliando uma ou mais formas de violência no contexto escolar (ex., bullying, ataques armados, etc.) envolvendo estudantes ou profissionais da educação, e (d) incluindo dados no contexto da educação básica. Foram excluídas pesquisas que não delimitavam o estudo da violência ao contexto escolar (ex., estudos genéricos sobre cyberbullying). Além disso, os textos completos das revisões foram avaliados de acordo com procedimento desenvolvido por Saleem e colaboradores (2022) a partir dos critérios da *Database of Abstracts of Reviews of Effects* (DARE). Especificamente, artigos foram pontuados em quatro aspectos (Tabela 1), com somatória de pontuação nos critérios variando de 0 a 4. Foram excluídas referências com pontuação total inferior a 2,0.

Análise das Revisões

Diante do objetivo de sintetizar as características e fatores associados à violência escolar, além de examinar evidências sobre intervenções diante do problema, foi adotada uma abordagem de síntese narrativa sobre os resultados principais das revisões sistemáticas incluídas nesta pesquisa. Os objetivos e principais resultados das revisões foram organizados em tabelas distribuídas nas categorias (1) características da violência, tratando da prevalência da violência escolar, (2) fatores de risco e proteção para a violência escolar, considerando estudos sobre características individuais e contextuais relacionadas à violência escolar; (3) ataques armados no ambiente escolar; e (4) intervenções diante da violência escolar.

Tabela 1*Critérios para avaliação de qualidade das revisões sistemáticas*

| | Questões | Sim (1,0) | Parcialmente (0,5) | Não (0,0) |
|---|--|---|--|--|
| 1 | Critérios apropriados de inclusão e exclusão de trabalhos são descritos? | Critérios de inclusão definidos explicitamente. | Critérios de inclusão são implícitos. | Critérios de inclusão não são definidos. |
| 2 | A busca de referências foi adequada? | Quatro ou mais bases de dados | Menos de quatro bases de dados | Duas ou menos bases de dados |
| 3 | A qualidade dos estudos incluídos foi avaliada? | Critério de qualidade definido explicitamente. | A qualidade dos estudos é avaliada, mas não é definida. | A qualidade dos estudos não é avaliada. |
| 4 | Os dados básicos sobre os estudos foram descritos de modo suficiente? | Informação apresentada de modo claro, e pode ser traçada a estudos individuais inclusos da revisão. | Informação é sintetizada em grupos, sem conexão direta com os estudos individuais inclusos da revisão. | A informação apresentada não é referenciada. |

Nota. Baseado em Saleem et al (2022).

RESULTADOS

A busca inicial identificou 1738 artigos, com duplicatas removidas por meio da ferramenta *DeDuplicator*, algoritmo *relaxed* (Clark et al., 2020), resultando em 980 referências disponíveis para a etapa de triagem a partir da leitura de resumos e títulos. Esta etapa da identificação foi executada com apoio da ferramenta *Abstracker* (Wallace et al., 2012), incluindo a avaliação duplo cega de resumos e títulos de artigos, com discordâncias resolvidas por consenso, resultando em 256 referências para avaliação de textos completos. Dentre as referências selecionadas na etapa anterior, foi possível recuperar 173 textos completos. Na sequência, foi realizada a avaliação de qualidade dos textos (Tabela Suplementar 2, disponível em <https://osf.io/wk82f/>), com exclusão de 46 referências que não atenderam ao critério de qualidade adotado. Finalmente, foi realizada a análise de 127 referências incluídas no estudo por meio de registro em formulário englobando o número de estudos selecionados na revisão, natureza da violência escolar abordada, objetivos e principais resultados. A Figura 1 detalha o processo de identificação, triagem e inclusão de referências no estudo.

Os 127 estudos de revisão incluídos nesta revisão sistemática foram divididos em cinco categorias: características da violência escolar, fatores associados à violência escolar em geral, fatores associados ao bullying e cyberbullying, ataques armados às escolas e intervenções diante da violência escolar (Tabela 2). Na primeira categoria, foram incluídos 19 trabalhos (15,0%) que se concentraram em análises descritivas e de prevalência de aspectos da violência, como a perpetrada por professores contra estudantes, o bullying escolar e o cyberbullying associado à escolar e atitudes e comportamentos diante da violência escolar. Nas duas categorias subsequentes, 58 estudos (45,6%) buscaram identificar correlatos à violência escolar, como fatores de risco e proteção, bem como consequências imediatas e de longo prazo, sendo a grande maioria (45 artigos) relacionada ao fenômeno do bullying, vitimização entre pares e/ou cyberbullying. Sete revisões (5,5%) foram incluídas na categoria sobre ataques armados, por se concentrarem na sistematização de estudos relacionados a incidentes com armas em escolas. Finalmente, 43 estudos (33,9%) se propuseram a analisar intervenções desenvolvidas e/ou implementadas para a prevenção ou combate à violência escolar, seja no aspecto metodológico, do conteúdo ou da eficácia dos resultados.

Figura B1

Diagrama do fluxo PRISMA da estratégia de identificação, triagem e inclusão de referências

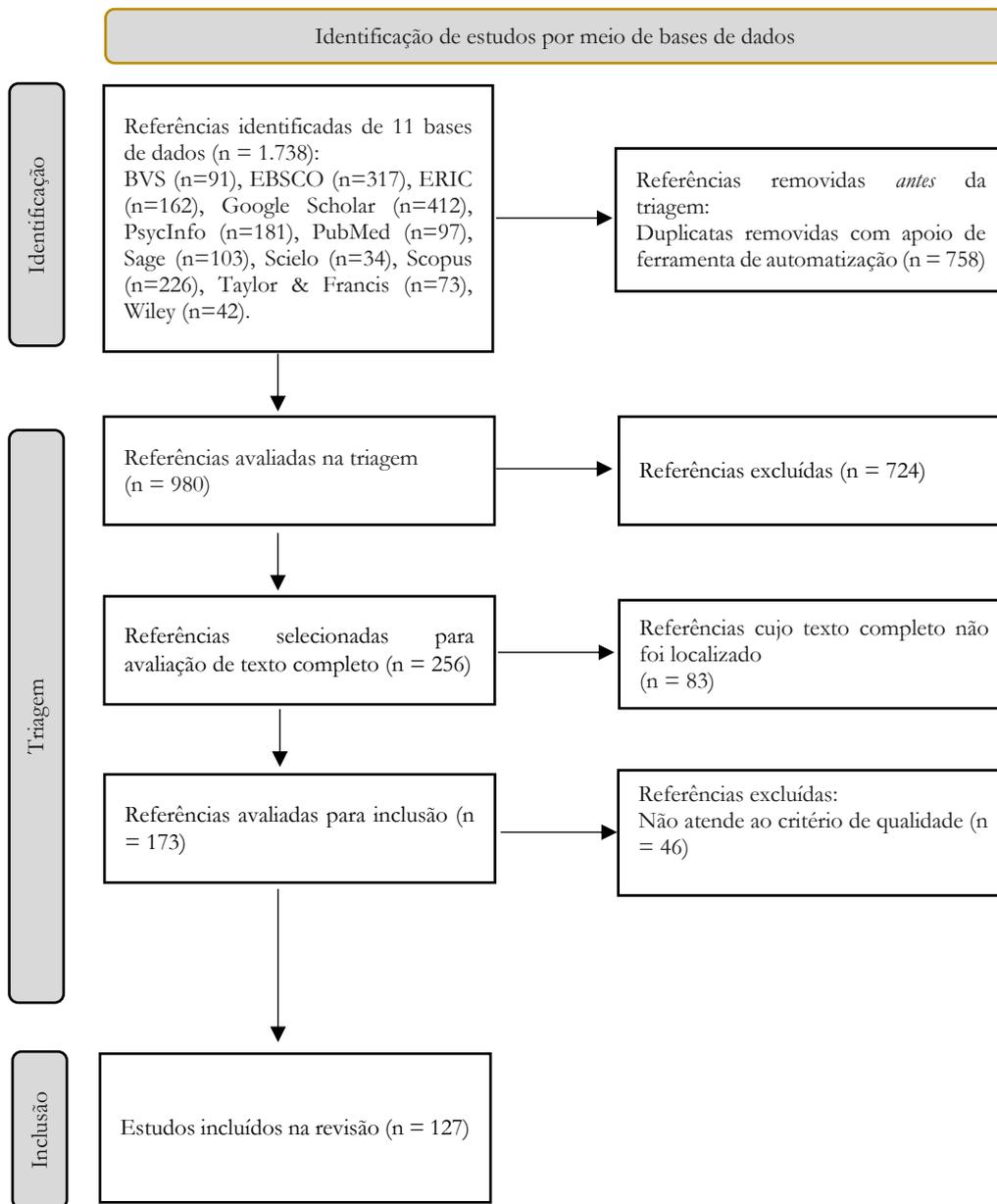


Tabela 2*Categorias de análise sobre violência escolar*

| Categoria | Subcategoria | Estudos (<i>n</i>) | Percentual de estudos |
|--|--|-------------------------|--------------------------|
| 1. <i>Características da violência escolar</i> | Violência entre professores e estudantes | 2 | |
| | Violência e estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE) | 5 | |
| | Violência entre estudantes | 9 | |
| | Atitudes e comportamentos diante da violência escolar | 3 | |
| | Subtotal na Categoria 1 | 19 | 15,0% |
| 2. <i>Fatores associados à violência escolar em geral</i> | Aspectos demográficos | 2 | |
| | Comportamento antissocial / delinquência juvenil | 3 | |
| | Identidade de gênero ou orientação sexual | 8 | |
| | Subtotal na Categoria 2 | 13 | 10,2% |
| 3. <i>Fatores associados à vitimização entre pares, bullying e cyberbullying</i> | Relação professor-aluno | 4 | |
| | Relação entre pares | 3 | |
| | Relações familiares | 9 | |
| | Fatores de risco | 18 | |
| | Autolesão e suicídio | 4 | |
| | Outros fatores | 7 | |
| | Subtotal na Categoria 3 | 45 | 35,4% |
| 4. <i>Ataques armados em escolas</i> | Geral | 7 | |
| | Subtotal da Categoria 4 | 7 | 5,5% |
| 5. <i>Intervenções diante da violência escolar</i> | Processos de implementação | 20 | |
| | Eficácia das intervenções | 23 | |
| | Subtotal da Categoria 5 | 43 | 33,9% |
| <i>Total</i> | | 127 | 100% |

Características da Violência Escolar

Entre os estudos incluídos, 19 se concentraram no levantamento de trabalhos de caracterização da violência escolar (Tabela A1), principalmente em relação ao bullying e vitimização entre pares (84,2% dos estudos na categoria). Embora o bullying venha recebendo bastante atenção na literatura nos últimos anos, as taxas de prevalência apontadas indicam que há grande variabilidade nos resultados dependendo da metodologia de avaliação (Bjereld et al., 2020) e do contexto de avaliação (Costantino et al., 2022). Nenhuma das revisões incluídas abordou especificamente o cenário brasileiro, mas foram verificados estudos para o contexto da Espanha (García-García et al., 2017), Irlanda (Foody et al., 2017) e Eslovênia (Primc et al., 2021). Um conjunto de cinco estudos (Çulhaoğlu & Akmanoğlu, 2022; Falla & Ortega-Ruiz, 2019; Maïano, Aimé, et al., 2016; Maïano, Normand, et al., 2016; Martínez-Monteagudo et al., 2023) focou especificamente na agressão e vitimização de estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE), apontando que esses estudantes podem apresentar um risco maior de sofrerem bullying do que os demais. Dois estudos abordaram a violência de professores contra estudantes, indicando que o fenômeno ocorre em todo o mundo, afetando negativamente a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes (Gusfre et al., 2022; Scharpf et al., 2022). Finalmente, entre os estudos que se concentraram nas atitudes e comportamentos diante do bullying, os resultados mostraram que, embora se preocupem com as situações, profissionais possuem pouca informação e conhecimento sobre como agir (Byrne et al., 2018; Dawes et al., 2023).

Fatores Associados à Violência Escolar

No processo de revisão foram encontrados 12 artigos que apresentaram fatores associados à violência escolar em uma perspectiva mais geral, ou envolvendo múltiplos aspectos da violência na escola (Tabela A2), além de 46 artigos sobre fatores associados especificamente à vitimização entre pares, bullying e cyberbullying no contexto escolar (Tabela A5).

Dentre estudos sobre fatores associados à violência escolar em geral (Tabela A2), foram identificadas quatro subcategorias, sendo elas: fatores demográficos em geral; comportamento antissocial/delinquência; violência de gênero ou sexual na escola; e outros fatores. Sobre aspectos demográficos em geral, destaca-se estudo sobre a desigualdade étnico-racial como motivador para que estudantes de alguns grupos étnicos ou raciais relatam perceber a escola como um espaço inseguro (Basilici et al., 2022). O risco de um estudante se envolver em situações de vitimização escolar é influenciado por uma combinação de fatores individuais, como gênero, e contextuais, como a qualidade das relações familiares, em uma teia intrincada de interações. (Nesello et al., 2014). Com relação à subcategoria “comportamento antissocial/delinquência”, foram avaliados três artigos. Nestas revisões se observou que estar em uma escola na qual a violência ocorre pode trazer prejuízos para a saúde mental e a vida acadêmica dos estudantes, independentemente de seu envolvimento na situação (Silva et al., 2016; Polanin et al., 2020). Os estudos sobre “violência de gênero ou sexual na escola” representaram a maioria das pesquisas sobre fatores associados à violência escolar nesta perspectiva ($n = 8$), com destaque para achados sobre o clima escolar hostil para pessoas estudantes lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, transgênero e interssexuais (LGBTI+) (Collier et al., 2013; Toomey & Russel, 2016).

Os 46 artigos que abordam os fatores gerais associados à vitimização entre pares, bullying e cyberbullying foram divididos em seis subcategorias principais (Tabela A3). As três primeiras enfatizam aspectos relacionais considerando as relações professor-aluno, interações entre estudantes e as dinâmicas familiares que influenciam o bullying. Pesquisas específicas destacam como uma relação saudável entre professores e alunos (ex.: Ten Bokkel et al., 2023), bem como entre os próprios alunos (ex.: Schacter et al., 2021), pode atuar como um fator protetor contra o bullying. Ao abordar dinâmicas familiares, os estudos mencionam tanto fatores protetivos, como uma boa comunicação entre pais e filhos, quanto associações preocupantes, como a conexão entre a violência doméstica e a escolar (ex.: Oliveira et al., 2017; González-Moreno & Molero-Jurado, 2023).

Continuando com o tema de fatores associados ao bullying e à vitimização, 18 desses artigos se concentram na subcategoria fatores de risco, abrangendo temas como a saúde emocional (Christina et al., 2021) e a exposição a violências externas à escola (ex., Gázquez et al., 2015). A subcategoria seguinte engloba quatro pesquisas que examinam a associação entre a vitimização de estudantes e o aumento no risco de comportamentos suicidas e autolesivos. Por último, sete estudos investigam outros fatores específicos ligados ao bullying, como, por exemplo, a associação do risco aumentado para consumo de drogas entre estudantes envolvidos em situações de bullying (Valdebenito et al., 2015).

Ataques armados em escolas

Entre os artigos analisados, sete tratam de ataques armados em escolas (Tabela A4). A literatura aponta uma escassez de estudos sobre o assunto. Esses trabalhos variam desde a análise da frequência de tais ataques em ambientes escolares e os obstáculos metodológicos para caracterizar o fenômeno (Stewart et al., 2022; Grøndahl & Bjørkly, 2016; Kim et al., 2021), além de investigações sobre as características de autores de atos violentos e contextos sociais onde ocorrem esses incidentes (Sommer et al., 2014; Valdebenito et al., 2017; Nowicki, 2020). É importante destacar também o estudo sobre as repercussões negativas para os envolvidos, e como a ampliação da rede de apoio pode mitigar os efeitos desses episódios em comunidades escolares (Travers et al., 2018).

Intervenções diante da violência escolar

Foram analisados 43 estudos sobre intervenções para prevenção ou enfrentamento da violência escolar, distribuídos em três subcategorias: processos de implementação, efeitos de intervenções e qualidade das pesquisas sobre intervenções (Tabela A5).

Quase metade dos estudos relacionados a intervenções focaliza na descrição dos processos de implementação das ações contra a violência escolar. Essas pesquisas avaliam aspectos como diretrizes de programas, o público-alvo, as metodologias empregadas e fatores que facilitam sua implementação. Esta subcategoria foi subdividida com base no foco das intervenções, abordando (1) membros da comunidade escolar (estudantes, professores, pais, outros profissionais), (2) o espaço físico, (3) componentes múltiplos, e (4) intervenções tecnológicas. Dez desses estudos exploram a promoção de competências entre estudantes, professores e outros profissionais para atuar em situações violentas (ex., van Aalst et al., 2022; Yosep et al., 2023a). Muitas destas intervenções têm ligação com a promoção de habilidades socioemocionais dos alunos e o estabelecimento de um ambiente escolar positivo. Francis et al. (2022) se debruçou sobre a reconfiguração dos espaços físicos das escolas para reforçar a segurança. Adicionalmente, sete estudos investigaram estratégias com múltiplas abordagens, envolvendo não somente a escola, mas também as famílias e a comunidade em geral (ex., Rawlings & Stoddard, 2019). Dois trabalhos focaram em intervenções tecnológicas, examinando o uso de redes sociais, jogos online e outros meios como ferramentas de prevenção à violência escolar (Vandebosch et al., 2022; Yosep et al., 2023b).

A segunda subcategoria, denominada "efeitos de intervenções", compreende 21 estudos que analisam a eficácia e impacto das ações, incluindo intervenções (1) sem efeitos significativos, (2) com efeitos positivos, (3) com efeitos mistos, e (4) analisando a qualidade metodológica de estudos sobre a eficácia de intervenções. Dentre estudos sem efeitos significativos, Silva et al. (2018) constatou que as ações voltadas para a promoção de habilidades sociais entre os alunos não resultaram em uma diminuição significativa da violência escolar. No entanto, outros trabalhos identificaram impactos positivos de estratégias semelhantes, especialmente aquelas que envolvem vários membros da comunidade escolar, incluindo alunos, professores e pais (Polanin et al., 2012; Valle et al., 2020). A maior parte das revisões nesta subcategoria notou resultados promissores ($n = 10$), incluindo abordagens como o envolvimento parental na prevenção da violência (Huang et al., 2019), medidas contra a violência de professores (Baumgarten et al., 2022), e estratégias voltadas especificamente para a prevenção ao bullying (Tofí & Farrington, 2011; Gaffney et al., 2019). Alguns estudos apresentaram achados mistos, com ações mostrando efeitos apenas em certas áreas (Torgal et al., 2023) ou resultados que não persistiram ao longo do tempo (Cantone et al., 2015). Por exemplo, uma intervenção que introduziu detectores de metais nas escolas acabou reduzindo a sensação de segurança dos estudantes (Hankin et al., 2011). Finalmente, dois trabalhos focaram na avaliação metodológica dos estudos de intervenção, identificando áreas de melhoria na pesquisa (Houchins et al., 2016; Chalmandaris & Piette, 2015).

DISCUSSÃO

Esta revisão teve como propósito analisar de maneira rápida as revisões sistemáticas, nacionais e internacionais, sobre violência escolar, considerando suas características, fatores relacionados e estratégias de intervenção. Com base nos procedimentos do protocolo PRISMA para o desenvolvimento de revisões sistemáticas (Page et al., 2020), 127 revisões sistemáticas e metanálises relativas à temática foram avaliadas. Os resultados foram organizados em quatro categorias principais: características da violência escolar, fatores associados a ela, estratégias de intervenção e incidentes de ataques armados em ambientes escolares.

A análise sobre as características da violência escolar sublinha a natureza complexa e multifacetada da violência nas escolas, bem como a necessidade de manter esforços para monitoramento e intervenção diante do problema. Dentre os estudos analisados, destaca-se o grande número de trabalhos que abordam a violência entre estudantes analisando processos como o bullying e a vitimização entre

pares, refletindo a preocupação em relação a esses fenômenos no cenário educacional mundial e também no Brasil (Coelho et al., 2016). Entretanto, a heterogeneidade entre diversos estudos quanto às taxas de prevalência do bullying (Bjereld et al., 2020) e de outras formas de violência escolar (Tokunaga, 2010; Gusfre et al., 2022) aponta para a necessidade de aperfeiçoamento das abordagens de avaliação das manifestações de violência na escola, além de apontar para a possível influência de aspectos culturais e sociais na violência escolar que ainda não são bem compreendidos.

Adicionalmente, identificou-se que grupos específicos, como mulheres (Nesello et al., 2014), pessoas com necessidades educacionais especiais (Maiano, Aimé, et al., 2016; Falla & Ortega-Ruiz, 2019) e a população LGBTI+ (Martín-Castillo, 2020), enfrentam vulnerabilidades adicionais diante da violência na escola. Além de apresentar mais chance de envolvimento em episódios de violência na escola, pessoas de grupos historicamente discriminados podem ter maior dificuldade para receber apoio quando sofrem situações de violência (Toomey & Russel, 2016), evidenciando a necessidade de abordagens mais inclusivas e adequadas para intervenções contra a violência escolar.

Mas como podemos efetivamente prevenir a violência escolar? A chave pode estar nas intervenções baseadas em evidências. Estudos demonstram que programas holísticos, que vão além da repressão a comportamento violento e abordam fatores subjacentes como saúde mental e competências sociais e emocionais, são cruciais (Ttofi & Farrington, 2011). Por exemplo, programas que promovem habilidades de resolução de conflitos e empatia mostraram uma redução significativa nos casos de violência escolar (Gaffney, Ttofi, & Farrington, 2019). A implementação destes programas requer uma abordagem adaptável, considerando as diferenças culturais e socioeconômicas entre contextos escolares.

Intervenções eficazes são aquelas que consideram as especificidades do contexto, são adaptáveis e envolvem múltiplos atores, desde educadores e estudantes até famílias e comunidades (Rawlings & Stoddard, 2019; Hong et al., 2014). É preciso garantir avanços em investimentos para a avaliação de programas, tanto para garantir a eficácia das políticas de combate à violência escolar, mas também para evitar investimentos em abordagens ineficazes ou até mesmo ter efeitos prejudiciais (ex., Hankin et al., 2011). Além de esforços para a avaliação sobre a eficácia de programas, é fundamental monitorar as condições sob as quais essas intervenções são implementadas, garantindo oportunidades de formação adequadas para os profissionais envolvidos e a adaptação dos programas à realidade específica de cada comunidade escolar. Este enfoque não apenas reduz a violência, mas também promove um ambiente escolar mais positivo e inclusivo (Okonofua, Paunesku, & Walton, 2016).

A atenção dada aos fatores associados à violência escolar evidencia que essa não é uma questão isolada, mas está conectada a diversos elementos individuais e contextuais (Azeredo et al., 2015; Mandira & Stoltz, 2021; Nesello et al., 2014). Isto sublinha a necessidade de intervenções multifacetadas, que não só se concentrem em estudantes que se envolvam de forma direta em incidentes de violência, mas ampliar o foco para toda a escola (Silva et al., 2017; Valle et al., 2020), e até mesmo para além dos muros da escola (Rawlings & Stoddard, 2019).

Embora programas de prevenção à violência e de educação socioemocional ainda sejam limitados em escala no Brasil, dois marcos normativos estabelecidos em 2019 oferecem novas possibilidades para mudanças significativas na educação básica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define dez competências gerais, incluindo aspectos socioemocionais como a empatia, cooperação, respeito aos direitos humanos e habilidades de resolução de conflitos, fundamentais para promover ambientes pacíficos dentro e fora da escola. Enquanto a BNCC necessita de ajustes para melhor integrar estas competências ao currículo nacional, ela abre portas para que a educação socioemocional e a prevenção da violência sejam incorporadas de forma proativa e contínua no cotidiano escolar. Paralelamente, a Lei 13.935 de 2019 impulsiona a inclusão de equipes multiprofissionais, formadas por psicólogos e assistentes sociais, nas escolas públicas. Esta legislação favorece uma abordagem interdisciplinar na prevenção da violência escolar e sublinha a importância de formação continuada para esses profissionais. Juntos, estes marcos normativos criam um ambiente propício para a

implementação de programas preventivos integrados ao currículo escolar, com o suporte de profissionais especializados em psicologia escolar e serviço social agregado às equipes de educadores que já atuavam em escolas.

E para além da articulação de recursos internos da escola, esforços de prevenção da violência devem também fortalecer a participação efetiva da comunidade em tais processos. Pesquisas indicam que uma abordagem colaborativa no desenvolvimento de programas preventivos, envolvendo escolas e comunidades, é fundamental para criar um ambiente de respeito mútuo e suporte (Thapa, Cohen, Guffey, & Higgins-D'Alessandro, 2013). Por exemplo, iniciativas que envolvem pais e membros da comunidade na vida escolar mostraram uma redução na violência e melhoria no clima escolar (Gregory, Cornell, Fan, Sheras, Shih, & Huang, 2010). Assim, entender e integrar o contexto sociocultural na formulação de estratégias de prevenção é um passo essencial para combater a violência escolar.

Para além de garantir a melhoria nos processos de implementação de programas preventivos, é preciso aprimorar a avaliação crítica das diferentes estratégias de intervenção. Estudos como os de Ttofi & Farrington (2011) e Gaffney, Ttofi, & Farrington (2019) destacam a eficácia a longo prazo de programas holísticos focados em competências socioemocionais. No entanto, contrastar estes com abordagens disciplinares tradicionais poderia fornecer uma compreensão mais abrangente de sua eficácia relativa. Além disso, uma crítica das metodologias empregadas em estudos sobre o tema, como discutido por Hankin et al. (2011), ajudaria a lidar com potenciais vieses ou lacunas na pesquisa. Adicionalmente, diante da demanda por oferta em larga escala de tais programas é preciso avaliar a aplicabilidade prática de tais programas, bem como sua adaptabilidade a contextos culturais e socioeconômicos diversos, e não apenas contentar-se em estudos desenvolvidos a partir de escolas selecionadas por conveniência em grandes centros urbanos. Tal abordagem não apenas elucidaria a eficácia dessas estratégias, mas também sua viabilidade e relevância em diferentes ambientes educacionais.

Certamente esse estudo apresenta limitações, em especial relacionadas ao delineamento da pesquisa adotado para a condução da pesquisa em prazo relativamente curto. A abordagem de síntese de revisões sistemáticas excluiu a análise de um vasto corpo de pesquisas, mesmo que pudessem oferecer evidências robustas sobre características, fatores associados e avaliações de intervenções frente à violência escolar. Além de concentrar a busca de referências revisões sistemáticas, o processo de busca concentrou-se apenas em um período específico (2010-2023), o que limita o alcance a estudos que poderiam oferecer contribuições. Além disso, não foi possível acessar os textos mesmo entre estudos identificados como possíveis inclusões, em especial por indisponibilidade financeira para acessar algumas das referências. Ao considerar as referências analisadas por texto completo, o critério de avaliação da qualidade dos trabalhos selecionados pode ter resultado na exclusão de pesquisas pertinentes, mas que não foram adequadamente descritas do ponto de vista metodológico nas revisões consultadas. Finalmente, embora procedimentos de revisão em duplas tenham sido viáveis na etapa de avaliação dos resumos, as etapas de avaliação da qualidade dos artigos e síntese de resultados foram conduzidas individualmente. Apesar dessas limitações, diante do prazo limitado para a realização da revisão, a abordagem concentrada nas revisões sistemáticas oferece um panorama útil sobre estudos a respeito da violência escolar que também permitiram identificar possíveis lacunas a serem abordadas no planejamento de estudos e políticas sobre o tema no Brasil em particular.

É preocupante a escassez de estudos sobre ataques armados em escolas, considerando a gravidade e impacto devastador desses incidentes escolares (Travers et al., 2018; Kim et al., 2021), também no contexto brasileiro (Prado, 2023), o que pode refletir desafios metodológicos. Além disso, a relativa escassez de estudos específicos sobre a violência escolar no cenário educacional brasileiro, ao menos na medida em que as revisões localizadas puderam alcançar (Nesello et al., 2014; Silva & Negreiros, 2020), sugere uma lacuna significativa na literatura, necessitando de pesquisas que abordem características específicas da violência escolar em escolas brasileiras. Dentre os 127 estudos contemplados nesta revisão, somente cinco focaram especificamente em pesquisas realizadas no Brasil. Estes estudos investigaram aspectos teóricos, como a diversidade de definições de violência escolar em pesquisas nacionais (Corona

& Schwartz, 2021). Também houve um levantamento de estudos quantitativos que exploram características e fatores vinculados à violência escolar no Brasil (Nesello et al., 2014). Além disso, foram abordadas análises sobre iniciativas de prevenção ao bullying (Fernandes et al., 2022; Coelho, 2016) e à violência de gênero (Prezenszky et al., 2018). A agenda de pesquisa futura neste tema deve incorporar uma base mais abrangente de aspectos relacionados à violência escolar em condúzidos no Brasil.

Ao considerar as limitações deste estudo e as complexidades inerentes à violência escolar, torna-se evidente a necessidade de uma agenda de pesquisa mais ampla e diversificada. Estudos longitudinais e multidimensionais são cruciais para compreender a evolução e os padrões da violência nas escolas em diferentes contextos culturais e socioeconômicos. Uma área particularmente importante é a avaliação da eficácia de políticas públicas e intervenções na prevenção e redução da violência escolar, demandando análises comparativas e medições de impacto de longo prazo. Ademais, estudos que se aprofundam nos fatores contextuais e culturais, explorando como família, comunidade, e normas sociais influenciam a violência escolar, podem fornecer subsídios especialmente relevantes para o desenvolvimento e adaptação de estratégias preventivas mais eficazes. Além disso, pesquisas que se concentram nas experiências de grupos vulneráveis, como estudantes indígenas, negras e negros, LGBTI+, e com necessidades educacionais especiais, são fundamentais para desenvolver abordagens inclusivas.

Complementarmente, a integração de abordagens quantitativas e qualitativas na pesquisa pode permitir uma melhor compreensão das nuances da violência escolar em contextos brasileiros, combinando análises estatísticas com estudos que capturam experiências em contextos específicos. Investigar a eficácia de estratégias preventivas em comparação com abordagens reativas para lidar com a violência escolar também é vital. Isso inclui avaliar a eficácia de programas preventivos, além aperfeiçoar abordagens para a gestão de episódios de violência. Adicionalmente, a pesquisa sobre o impacto crescente das tecnologias de informação e comunicação, como no caso do cyberbullying, é necessária para desenvolver estratégias de prevenção que articulam essas mesmas tecnologias para promover a relações pacíficas. Por fim, estudos sobre a formação e suporte aos profissionais da educação podem fornecer diretrizes para preparar melhor educadores e funcionários escolares para promover um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo. Em suma, uma abordagem de pesquisa multifacetada e colaborativa, que abrange desde a análise de programas até a experiências específicas, pode fornecer um caminho promissor para entender e combater a violência escolar de maneira mais efetiva.

O combate à violência escolar é um esforço contínuo que exige colaboração, inovação e compromisso de todos os envolvidos. Essa revisão oferece uma visão panorâmica sobre evidências a respeito da violência escolar, e também aponta para áreas onde mais pesquisa e intervenção são cruciais. Se o sistema educacional brasileiro conquistou em décadas recentes grandes avanços no acesso à escolarização básica, isso se deu por meio de políticas públicas garantindo o direito à educação e programas para garantir a melhoria no funcionamento de processos escolares, como no caso dos programas direcionados à qualificação de alfabetizadores. Do mesmo modo, é possível desenvolver programas educacionais para melhorar a convivência em espaços escolares, com a promoção de competências sociais e emocionais relacionadas a uma abordagem pacífica de conflitos dentro e fora de espaços educacionais. E se já pudemos garantir tais avanços com medidas fundamentadas, podemos desenvolver estratégias para universalizar a resolução pacífica de conflitos nas escolas.

REFERÊNCIAS

Alcântara, C. (2021). Após ataques racistas, jovem de 14 anos é ameaçada em escola no PR: 'vou te matar, preta desgraçada'. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/brasil/apos-ataques-racistas-jovem-de-14-anos-ameacada-em-escola-no-pr-vou-te-matar-preta-desgracada-25281233>

Alford, A. A., & Derzon, J. (2012). Meta-analysis and systematic review of the effectiveness of school-based programs to reduce multiple violent and antisocial behavioral outcomes. In *Handbook of school violence and school safety: International research and practice*, 2nd ed. (pp. 593–606). Routledge/Taylor & Francis Group.

Álvarez-García, D., García, T., & Núñez, J. C. (2015). Predictors of school bullying perpetration in adolescence: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 126–136. <https://doi.org/10.1016/j.AVB.2015.05.007>

Azeredo, C. M., Rinaldi, A. E. M., de Moraes, C. L., Levy, R. B., & Menezes, P. R. (2015). School bullying: A systematic review of contextual-level risk factors in observational studies. *Aggression and Violent Behavior*, 22, 65–76. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.04.006>

Basilici, M. C., Palladino, B. E., & Menesini, E. (2022). Ethnic diversity and bullying in school: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 101762. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2022.101762>

Baumgarten, E., Simmonds, M., & Mason-Jones, A. J. (2023). School-based interventions to reduce teacher violence against children: a systematic review. *Child Abuse Review*, 32(4). <https://doi.org/10.1002/car.2803>

Bjereld, Y., Augustine, L., & Thornberg, R. (2020). Measuring the prevalence of peer bullying victimization: Review of studies from Sweden during 1993–2017. *Children and Youth Services Review*, 119, 105528. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105528>

Bonell, C., Taylor, B., Berry, V., Filho, S. R. P., Rizzo, A., Farmer, C., Hagell, A., Young, H., Orr, N., Shaw, N., Rigby, E., & Melendez-Torres, G. J. (2023). Re-orientating systematic reviews to rigorously examine what works, for whom and how: Example of a realist systematic review of school-based prevention of dating and gender violence. *Research Synthesis Methods*. <https://doi.org/10.1002/jrsm.1644>

Byrne, E., Vessey, J. A., & Pfeifer, L. (2018). Cyberbullying and social media: Information and interventions for school nurses working with victims, students, and families. *The Journal of School Nursing*, 34(1), 38–50. <https://doi.org/10.1177/1059840517740191>

Cantone, E., Piras, A. P., Vellante, M., Preti, A., Daniélsdóttir, S., D'Aloja, E., Lesinskiene, S., Angermeyer, M. C., Carta, M. G., & Bhugra, D. (2015). Interventions on bullying and cyberbullying in schools: A systematic review. *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, 11(1), 58–76. <https://doi.org/10.2174/1745017901511010058>

Casper, D. M., Card, N. A., & Barlow, C. (2020). Relational aggression and victimization during adolescence: A meta-analytic review of unique associations with popularity, peer acceptance, rejection, and friendship characteristics. *Journal of Adolescence*, 80, 41–52. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.12.012>

Chalamandaris, A.-G., & Piette, D. (2015). School-based anti-bullying interventions: Systematic review of the methodology to assess their effectiveness. *Aggression and Violent Behavior*, 24, 131–174. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.04.004>

Cheek, S. M., Reiter-Lavery, T., & Goldston, D. B. (2020). Social rejection, popularity, peer victimization, and self-injurious thoughts and behaviors among adolescents: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 82. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2020.101936>

Christina, S., Magson, N. R., Kakar, V., & Rapee, R. M. (2021). The bidirectional relationships between peer victimization and internalizing problems in school-aged children: An updated systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 85, 101979. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2021.101979>

- Clark, J., Glasziou, P., Del Mar, C., Bannach-Brown, A., Stehlik, P., & Scott, A. M. (2020). A full systematic review was completed in 2 weeks using automation tools: A case study. *Journal of Clinical Epidemiology*, *121*, 81–90. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2020.01.008>
- Coelho, M. T. B. F. (2016). Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Revista Psicopedagogia*, *33*(102), 319–330. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300010
- Collier, K. L., van Beusekom, G., Bos, H. M. W., & Sandfort, T. G. M. (2013). Sexual Orientation and Gender Identity/Expression Related Peer Victimization in Adolescence: A Systematic Review of Associated Psychosocial and Health Outcomes. *Journal of Sex Research*, *50*(3/4), 299–317. <https://doi.org/10.1080/00224499.2012.750639>
- Cookson, Jr., P. W., & Darling-Hammond, L. (2022). Building school communities for students living in deep poverty. *Learning Policy Institute*. <https://doi.org/10.54300/121.698>
- Cooper, G. D., Clements, P. T., & Holt, K. E. (2012). Examining Childhood Bullying and Adolescent Suicide: Implications for School Nurses. *The Journal of School Nursing*, *28*(4), 275–283. <https://doi.org/10.1177/1059840512438617>
- Corona, G. F., & Schwartz, M. C. (2021). Violência escolar e seus enunciados materializados em pesquisas nacionais: uma revisão de literatura | School violence and its statements materialized in national surveys: a literature review. *Revista Cocar*, *15*(33). <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4684>
- Costa, B. L., Machado, M. S., Frizzo, G. B., & Bosa, C. A. (2023). A relação entre o contexto familiar e o envolvimento com bullying escolar. *Psico*, *54*(1), e37630. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.37630>
- Costantino, C., Mazzucco, W., Scarpitta, F., Ventura, G., Marotta, C., Bono, S. E., Arcidiacono, E., Gentile, M., Sannasardo, P., Gambino, C. R., Sannasardo, C. E., Vella, C., Vitale, F., Casuccio, A., & Restivo, V. (2022). Prevalence and factors associated with bullying phenomenon among pre-adolescents attending first-grade secondary schools of Palermo, Italy, and a comparative systematic literature review. *Italian Journal of Pediatrics*, *48*(1), 56. <https://doi.org/10.1186/s13052-022-01245-2>
- Çulhaoğlu, Ö., & Akmanoğlu, N. (2022). Peer bullying experienced by children with autism spectrum disorder: A systematic review. *Cukurova University Faculty of Education Journal*, *51*(2), 1315–1358. <https://doi.org/10.14812/cuefd.1069494>
- Cunningham, T., Hoy, K., & Shannon, C. (2016). Does childhood bullying lead to the development of psychotic symptoms? A meta-analysis and review of prospective studies. *Psychosis*, *8*(1), 48–59. <https://doi.org/10.1080/17522439.2015.1053969>
- Dawes, M., Gariton, C., Starrett, A., Irdam, G., & Irvin, M. J. (2023). Preservice teachers' knowledge and attitudes toward bullying: A systematic review. *Review of Educational Research*, *93*(2), 195–235. <https://doi.org/10.3102/00346543221094081>
- Eilts, J., & Koglin, U. (2022). Bullying and victimization in students with emotional and behavioural disabilities: a systematic review and meta-analysis of prevalence rates, risk and protective factors. *Emotional and Behavioural Difficulties*, *27*(2), 133–151. <https://doi.org/10.1080/13632752.2022.2092055>
- Estévez, E., Flores, E., Estévez, J. F. E., & Huéscar, E. (2019). Programas de intervención en acoso escolar y ciberacoso en educación secundaria con eficacia evaluada: una revisión sistemática. *Revista Latinoamericana de Psicología*, *51*(3), 210–225. <https://doi.org/10.14349/rlp.2019.v51.n3.8>

Falla, D., & Ortega-Ruiz, R. (2019). Students diagnosed with autism spectrum disorder and victims of bullying: A systematic review | Los Escolares Diagnosticados con Trastorno del Espectro Autista y Víctimas de Acoso Escolar: Una Revisión Sistemática. *Psicología Educativa*, 25(2), 77–90. <https://doi.org/10.5093/psed2019a6>

Fernandes, G., Yunes, M. A. M., & Dell’Aglío, D. D. (2022). Intervenções antibullying no contexto escolar: Revisão integrativa. *Interação em Psicologia*, 26(3), 299–311. <https://doi.org/10.5380/riep.v26i3.78046>

Fischer, S. M., John, N., & Bilz, L. (2021). Teachers’ self-efficacy in preventing and intervening in school bullying: a systematic review. *International Journal of Bullying Prevention*, 3(3), 196–212. <https://doi.org/10.1007/s42380-020-00079-y>

Foody, M., Samara, M., & O’Higgins Norman, J. (2017). Bullying and cyberbullying studies in the school-aged population on the island of Ireland: A meta-analysis. *British Journal of Educational Psychology*, 87(4), 535–557. <https://doi.org/10.1111/bjep.12163>

Foon, L. W., Hassan, S. A., & Nordin, M. H. M. (2020). Counselling intervention to address school bullying: A systematic review of literature. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 10(16), 175–192. <https://doi.org/10.6007/IJARBS/v10-i16/8301>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>

Francis, J., Strobel, N., Trapp, G., Pearce, N., Vaz, S., Christian, H., Runions, K., Martin, K., & Cross, D. (2022). How does the school built environment impact students’ bullying behaviour? A scoping review. *Social Science & Medicine*, 314, 115451. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.115451>

Fregoso-Borrego, D., Vera-Noriega, J. Á., Duarte-Tánori, K. G., Peña-Ramos, M. O. (2021). Familia, escuela y comunidad en relación a la violencia escolar en secundaria: Revisión sistemática. *Entramado*, 17(2), 42–58. <https://doi.org/10.18041/1900-3803/ENTRAMADO.2.7574>

Gaffney, H., Ttofi, M. M., & Farrington, D. P. (2019). Evaluating the effectiveness of school-bullying prevention programs: An updated meta-analytical review. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 111–133. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.001>

García-García, J., Ortega, E., de la Fuente, L., Zaldívar, F., & Gil-Fenoy, M. J. (2017). Systematic review of the prevalence of school violence in Spain. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 237, 125–129. <https://doi.org/10.1016/J.SBSPRO.2017.02.052>

Gázquez, J. J., Barragán, A. B., Pérez-Fuentes, M. C., Molero, M. del M., Garzón, A., & Martos, A. (2015). Factors associated with school violence: A systematic review. *British Journal of Education, Society & Behavioural Science*, 11(3), 1–12. <https://doi.org/10.9734/BJESBS/2015/18084>

Gizzarelli, E., Burns, S., & Francis, J. (2023). School staff responses to student reports of bullying: A scoping review. *Health Promotion Journal of Australia*, 34(2), 508–517. <https://doi.org/10.1002/HPJA.680>

Gómez-Tabares, A. S., & Correa-Duque, M. C. (2022). El efecto de la desvinculación moral sobre el acoso escolar, el ciberacoso y otros comportamientos disruptivos en niños(As) y adolescentes. Una revisión de la literatura: *Psicogente*, 25(48). <https://doi.org/10.17081/psico.25.48.5455>

Gonçalves, F. V., Cardoso, N. D. O., & Argimon, I. I. de L. (2019). Estratégias de intervenção para adolescentes em situações de bullying escolar: uma revisão sistemática. *Contextos Clínicos*, 12(2), 636–658. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.12>

- González-Moreno, A., & Del Mar Molero-Jurado, M. (2023). Conductas prosociales y violencia escolar en la adolescencia: Una revisión sistemática con enfoque cualitativo. *Teoría de La Educación. Revista Interuniversitaria*, 35(1), 143–166. <https://doi.org/10.14201/TERI.28629>
- Goodman, J., Medaris, J., Verity, K., & Hott, B. (2013). A synthesis of international school-based bullying interventions. *The Journal of Special Education Apprenticeship*, 2(2). <https://scholarworks.lib.csusb.edu/josea/vol2/iss2/3>
- Grøndahl, P., & Bjørkly, S. (2016). Research quality and psychological theory in publications on school shooters with multiple victims—A systematic review of the literature. *Cogent Psychology*, 3(1), 1152759. <https://doi.org/10.1080/23311908.2016.1152759>
- Gusfre, K. S., Støen, J., & Fandrem, H. (2022). Bullying by teachers towards students—A scoping review. *International Journal of Bullying Prevention*, 1–17. <https://doi.org/10.1007/S42380-022-00131-Z>
- Hall, W. (2017). The effectiveness of policy interventions for school bullying: A systematic review. *Journal of the Society for Social Work and Research*, 8(1), 45–69. <https://doi.org/10.1086/690565>
- Hamel, C., Michaud, A., Thuku, M., Skidmore, B., Stevens, A., Nussbaumer-Streit, B., & Garritty, C. (2021). Defining rapid reviews: a systematic scoping review and thematic analysis of definitions and defining characteristics of rapid reviews. *Journal of Clinical Epidemiology*, 129, 74–85. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2020.09.041>
- Hankin, A., Hertz, M., & Simon, T. (2011). Impacts of metal detector use in schools: Insights from 15 years of research. *Journal of School Health*, 81(2), 100–106. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00566.x>
- Healy, S. R., Valente, J. Y., Caetano, S. C., Martins, S. S., & Sanchez, Z. M. (2020). Worldwide school-based psychosocial interventions and their effect on aggression among elementary school children: A systematic review 2010–2019. *Aggression and Violent Behavior*, 55, 101486. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101486>
- Hong, J. S., Lee, C.-H., Lee, J., Lee, N. Y., & Garbarino, J. (2014). A review of bullying prevention and intervention in South Korean schools: An Application of the social–ecological framework. *Child Psychiatry & Human Development*, 45(4), 433–442. <https://doi.org/10.1007/s10578-013-0413-7>
- Houchins, D. E., Oakes, W. P., & Johnson, Z. G. (2016). Bullying and students with disabilities: A systematic literature review of intervention studies. *Remedial and Special Education*, 37(5), 259–273. <https://doi.org/10.1177/0741932516648678>
- Huang, Y., Espelage, D. L., Polanin, J. R., & Hong, J. S. (2019). A meta-analytic review of school-based anti-bullying programs with a parent component. *International Journal of Bullying Prevention*, 1(1), 32–44. <https://doi.org/10.1007/s42380-018-0002-1>
- Jack, A. H., & Egan, V. (2017). Trouble at school: A systematic review to explore the association between childhood bullying and paranoid thinking. *Psychosis*, 9(3), 260–270. <https://doi.org/10.1080/17522439.2017.1340503>
- Jackson, V., Chou, S., & Browne, K. (2017). Protective factors against child victimization in the school and community: An exploratory systematic review of longitudinal predictors and interacting variables. *Trauma, Violence, & Abuse*, 18(3), 303–321. <https://doi.org/10.1177/1524838015611675>
- Jiménez-Barbero, J. A., Jiménez-Loaisa, A., González-Cutre, D., Beltrán-Carrillo, V. J., Llor-Zaragoza, L., & Ruiz-Hernández, J. A. (2020). Physical education and school bullying: A systematic review. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 25(1), 79–100. <https://doi.org/10.1080/17408989.2019.1688775>

Karanikola, M. N. K., Lyberg, A., Holm, A.-L., & Severinsson, E. (2018). The association between deliberate self-harm and school bullying victimization and the mediating effect of depressive symptoms and self-stigma: A systematic review. *BioMed Research International*, 2018, 1–36. <https://doi.org/10.1155/2018/4745791>

Kern, L., Simonsen, B., & Wilkinson, S. (2020). A review of behavior-based interventions that address bullying, aggressive, and inappropriate student behavior during recess. *Education and Treatment of Children*, 43(4), 377–391. <https://doi.org/10.1007/s43494-020-00018-y>

Kim, C., Capellan, J. A., & Adler, A. (2021). Exploring the empirical literature on mass shooting: A mixed-method systematic review of peer-reviewed journal articles. *Aggression and Violent Behavior*, 58, 101584. <https://doi.org/10.1016/J.AVB.2021.101584>

Kliwer, W., Sosnowski, D. W., Noh, H., McGuire, K., & Wright, A. W. (2019). Peer victimization and cortisol production in children and adolescents: A systematic review. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, 24(4), e12172. <https://doi.org/10.1111/jabr.12172>

Kretschmer, T. (2016). What explains correlates of peer victimization? A systematic review of mediating factors. *Adolescent Research Review*, 1(4), 341–356. <https://doi.org/10.1007/s40894-016-0035-y>

Lambe, L. J., Della Cioppa, V., Hong, I. K., & Craig, W. M. (2019). Standing up to bullying: A social ecological review of peer defending in offline and online contexts. *Aggression and violent behavior*, 45, 51–74. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.05.007>

Lee, J. M., Hong, J. S., Yoon, J., Peguero, A. A., & Seok, H. J. (2018). Correlates of adolescent cyberbullying in South Korea in multiple contexts: A review of the literature and implications for research and school practice. *Deviant Behavior*, 39(3), 293–308. <https://doi.org/10.1080/01639625.2016.1269568>

Lester, S., Lawrence, C., & Ward, C. L. (2017). What do we know about preventing school violence? A systematic review of systematic reviews. *Psychology, Health & Medicine*, 22(sup1), 187–223. <https://doi.org/10.1080/13548506.2017.1282616>

Lopez, R., Amaral, A. F., Ferreira, J., & Barroso, T. (2011). Fatores implicados no fenómeno de bullying em contexto escolar: revisão integrada da literatura. *Revista de Enfermagem Referência*, 3, 153–162. <https://repositorio.hff.min-saude.pt/handle/10400.10/1475>

Ma, T.-L., Meter, D. J., Chen, W.-T., & Lee, Y. (2019). Defending behavior of peer victimization in school and cyber context during childhood and adolescence: A meta-analytic review of individual and peer-relational characteristics. *Psychological Bulletin*, 145(9), 891–928. <https://doi.org/10.1037/bul0000205>

Mackie, G., Lambert, K., & Patlamazoglou, L. (2021). The Mental Health of Transgender Young People in Secondary Schools: A Scoping Review. *School Mental Health*, 13(1), 13–27. <https://doi.org/10.1007/s12310-020-09403-9>

Maïano, C., Aimé, A., Salvas, M. C., Morin, A. J. S., & Normand, C. L. (2016). Prevalence and correlates of bullying perpetration and victimization among school-aged youth with intellectual disabilities: A systematic review. *Research in Developmental Disabilities*, 49–50, 181–195. <https://doi.org/10.1016/J.RIDD.2015.11.015>

Maïano, C., Normand, C. L., Salvas, M. C., Moullec, G., & Aimé, A. (2016). Prevalence of school bullying among youth with autism spectrum disorders: A systematic review and meta-analysis. *Autism Research*, 9(6), 601–615. <https://doi.org/10.1002/AUR.1568>

Malta, D. C., Oliveira, W. A. D., Prates, E. J. S., Mello, F. C. M. D., Moutinho, C. D. S., & Silva, M. A. I. (2022). Bullying entre adolescentes brasileiros: Evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 30(spe), e3679. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3679>

Mandira, M. R., & Stoltz, T. (2021). Bullying risk and protective factors among elementary school students over time: A systematic review. *International Journal of Educational Research*, 109, 101838. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2021.101838>

Martín-Castillo, D., Jiménez-Barbero, J. A., del Mar Pastor-Bravo, M., Sánchez-Muñoz, M., Fernández-Espín, M. E., & García-Arenas, J. J. (2020). School victimization in transgender people: A systematic review. *Children and Youth Services Review*, 119, 105480. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105480>

Martínez-Monteaquedo, Á., Martínez-Monteaquedo, M. C., & Delgado, B. (2023). School bullying and cyberbullying in academically gifted students: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 71, 101842. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2023.101842>

Marx, R., & Kettrey, H. (2016). Gay-Straight Alliances are Associated with Lower Levels of School-Based Victimization of LGBTQ+ Youth: A Systematic Review and Meta-analysis. *Journal of Youth & Adolescence*, 45(7), 1269–1282. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0501-7>

Moyano, N., & Sánchez-Fuentes, M. D. M. (2020). Homophobic bullying at schools: A systematic review of research, prevalence, school-related predictors and consequences. *Aggression and Violent Behavior*, 53. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101441>

Mullan, V. M., Golm, D., Juhl, J., Sajid, S., & Brandt, V. (2023). The relationship between peer victimisation, self-esteem, and internalizing symptoms in adolescents: A systematic review and meta-analysis. *PLoS one*, 18(3), e0282224. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0282224>

Nesello, F., Sant'Anna, F. L., Santos, H. G. D., Andrade, S. M. D., Mesas, A. E., & González, A. D. (2014). Characteristics of school violence in Brazil: a systematic review of quantitative studies. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 14, 119-136. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>

Noret, N., Hunter, S. C., & Rasmussen, S. (2018). The relationship between peer victimization, cognitive appraisals, and adjustment: A systematic review. *Journal of School Violence*, 17(4), 451-471. <https://doi.org/10.1080/15388220.2017.1423492>

Nowicki, J. M. (2020). *K-12 Education: Characteristics of School Shootings* (GAO-20-455). US Government Accountability Office. <https://www.gao.gov/products/gao-20-455>

Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Sampaio, J. M. C., & Silva, M. A. I. (2017). Students' health: an integrative review on family and bullying. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22, 1553-1564. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.09802015>

Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Yoshinaga, A. C. M., & Silva, M. A. I. (2015). Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, 20, 121-132. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200111>

Oliveira, W. A. de, Silva, J. L. da, Querino, R. A., Santos, C. B. dos, Ferriani, M. D. G. B. de C., Santos, M. A. dos, & Silva, M. A. I. (2018). Revisão sistemática sobre bullying e família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. *Revista de Salud Pública*, 20(3), 396–403. <https://doi.org/10.15446/rsap.v20n3.47748>

- Orr, N., Chollet, A., Rizzo, A. J., Shaw, N., Farmer, C., Young, H., Rigby, E., Berry, V., Bonell, C., & Melendez-Torres, G. J. (2022). School-based interventions for preventing dating and relationship violence and gender-based violence: A systematic review and synthesis of theories of change. *Review of Education*, 10(3), e3382. <https://doi.org/10.1002/REV3.3382>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Parkes, J., Heslop, J., Ross, J., Westerveld, R., & Unterhalter, E. (2016). *A rigorous review of global research evidence on policy and practice on school-related gender-based violence*. <https://www.unicef.org/documents/rigorous-review-global-research-evidence-policy-and-practice-school-related-gender-based>
- Patton, D. U., Hong, J. S., Patel, S., & Kral, M. J. (2017). A systematic review of research strategies used in qualitative studies on school bullying and victimization. *Trauma, Violence, & Abuse*, 18(1), 3-16. <https://doi.org/10.1177/1524838015588502>
- Polanin, J. R., Espelage, D. L., & Pigott, T. D. (2012). A meta-analysis of school-based bullying prevention programs' effects on bystander intervention behavior. *School Psychology Review*, 41(1), 47–65. <https://doi.org/10.1080/02796015.2012.12087375>
- Polanin, J. R., Espelage, D., & Grotzinger, J. K. (2020). *The consequences of school violence: A systematic review and meta-analysis* (NCJ 254672). U.S. Department of Justice. <https://ojp.gov/library/publications/consequences-school-violence-systematic-review-and-meta-analysis>
- Prado, M. (2023). *Extremismo violento em ambiente escolar* (Nota Técnica #15). Monitor do Debate Político no Meio Digital. <https://www.monitordigital.org/2023/03/29/nota-tecnica-15-extremismo-violento-em-ambiente-escolar/>
- Prezenszky, B. C., Galli, E. F., Bachega, D., & Mello, R. R. (2018). School actions to prevent gender-based violence: A (quasi-)systematic review of the Brazilian and the international scientific literature. *Frontiers in Education*, 3, 402598. <https://doi.org/10.3389/FEDUC.2018.00089>
- Primc, T., Lobnikar, T., Tratnik, B., & Dvojmoč, M. (2021). Study of different forms of peer violence in primary and secondary schools—A systematic literature review. *Journal of Criminal Justice and Security*, 23(3), 264–302. https://www.fvv.um.si/rV/arhiv/2021-3/03_Primc_et_al_2021_3-E.html
- Rawlings, J. R., & Stoddard, S. A. (2019). A critical review of anti-bullying programs in North American elementary schools. *The Journal of School Health*, 89(9), 759–780. <https://doi.org/10.1111/JOSH.12814>
- Reijntjes, A., Kamphuis, J. H., Prinzie, P., & Telch, M. J. (2010). Peer victimization and internalizing problems in children: A meta-analysis of longitudinal studies. *Child Abuse & Neglect*, 34(4), 244–252. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.07.009>
- Rizzo, A. J., Orr, N., Shaw, N., Farmer, C., Chollet, A., Young, H., Berry, V., Rigby, E., Hagell, A., Bonell, C., & Melendez-Torres, G. J. (2022). Exploring the activities and target audiences of school-based violence prevention programs: Systematic review and intervention component analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 152483802211342. <https://doi.org/10.1177/15248380221134294>

Sadjadi, M., Blanchard, L., Brülle, R., & Bonell, C. (2022). Barriers and facilitators to the implementation of health-promoting school programmes targeting bullying and violence: A systematic review. *Health Education Research*, 36(5), 581–599. <https://doi.org/10.1093/her/cyab029>

Saleem, S., Khan, N. F., Zafar, S., & Raza, N. (2022). Systematic literature reviews in cyberbullying/cyber harassment: A tertiary study. *Technology in Society*, 70, 102055. <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2022.102055>

Sanguinetti, M. C., Yepes Fiallo, V., Valencia Garzón, M. J., Noy Robayo, A., Pugh, J. D., & Vecino Ortiz, A. I. (2023). Social Norms and Interventions on Peer Violence: A Systematic Review of the Empirical Literature. *Adolescent Research Review*, 8(1), 63–73. <https://doi.org/10.1007/s40894-022-00191-8>

Schacter, H. L., Lessard, L. M., Kiperman, S., Bakth, F., Ehrhardt, A., & Uganski, J. (2021). Can friendships protect against the health consequences of peer victimization in adolescence? A systematic review. *School mental health*, 1-24. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09417-x>

Scharpf, F., Kızıltepe, R., Kirika, A., & Hecker, T. (2022). A systematic review of the prevalence and correlates of emotional violence by teachers. *Trauma, Violence, & Abuse*, 152483802211025. <https://doi.org/10.1177/15248380221102559>

Scherman, V. (2020). The role of social network composition in the phenomenon of bullying: Insights into how cohesive school communities can be fostered. *Child Care in Practice*, 26(4), 373–389. <https://doi.org/10.1080/13575279.2020.1792837>

Silva, E., & Negreiros, F. (2020). Violência nas escolas públicas brasileiras: Uma revisão sistemática da literatura. *Revista Psicopedagogia*, 37(114), 327–340. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20200027>

Silva, F. R., & Assis, S. G. (2017). Prevenção da violência escolar: Uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, 44, e157305. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201703157305>

Silva, J. L. da, Oliveira, W. A. de, Bono, E. L., Dib, M. A., Bazon, M. R., & Silva, M. A. I. (2016). Associações entre bullying escolar e conduta infracional: Revisão sistemática de estudos longitudinais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 81–90. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012241081090>

Silva, J. L., Oliveira, W. A. de, Mello, F. C. M. de, Andrade, L. S. de, Bazon, M. R., & Silva, M. A. I. (2017). Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(7), 2329–2340. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017227.16242015>

Silva, J. L., Oliveira, W. A., Zequinão, M. A., Lizzi, E. A. S., Pereira, B. O., & Silva, M. A. I. (2018). Resultados de intervenções em habilidades sociais na redução de bullying escolar: revisão sistemática com metanálise. *Temas em Psicologia*, 26(1), 509–522. <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-20Pt>

Sivaraman, B., Nye, E., & Bowes, L. (2019). School-based anti-bullying interventions for adolescents in low- and middle-income countries: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 154–162. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.007>

Sommer, F., Leuschner, V., & Scheithauer, H. (2014). Bullying, romantic rejection, and conflicts with teachers: The crucial role of social dynamics in the development of school shootings - a systematic review. *International Journal of Developmental Sciences*, 8(1–2), 3–24. <https://doi.org/10.3233/DEV-140129>

Steffgen, G., Recchia, S., & Viechtbauer, W. (2013). The link between school climate and violence in school: A meta-analytic review. *Aggression and violent behavior*, 18(2), 300-309. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.12.001>

Stewart, I., Wertz, J., & Jen, H. (2022). School-Associated Violent Deaths in the United States: A Comprehensive Review of the Literature. *Journal of School Violence*, 21(4), 355–380. <https://doi.org/10.1080/15388220.2022.2105855>

Stroppa, T. V. da S., & Lourenço, L. M. (2018). Propostas atuais de intervenção em violência escolar: Uma revisão da produção científica. *Perspectivas En Psicología: Revista de Psicología y Ciencias Afines*, 15(1), 34–45. <http://perspectivas.mdp.edu.ar/revista/index.php/pep/article/view/346>

Suzuki, D. C., & Vitalle, M. S. D. S. (2020). Musicoterapia na escola – estratégia de enfrentamento do bullying: Uma revisão integrativa. *Revista Educação - UNG-Ser*, 15(1), 88. <https://doi.org/10.33947/1980-6469-v15n1-4010>

Tabares, A. S. G., & Duque, M. C. C. (2022). La asociación entre acoso y ciberacoso escolar y el efecto predictor de la desconexión moral: una revisión bibliométrica basada en la teoría de grafos. *Educación XX1*, 25(1), 273-308. <https://doi.org/10.5944/educXX1.29995>

Tatiani, G. (2021). The influence of parental style and socioeconomic circumstances on school bullying: A systematic review. *Journal of Educational Research and Reviews*, 9(1), 1-5. https://doi.org/10.33495/jerr_v9i1.20.163

Ten Bokkel, I. M., Roorda, D. L., Maes, M., Verschueren, K., & Colpin, H. (2023). The role of affective teacher–student relationships in bullying and peer victimization: A multilevel meta-analysis. *School psychology review*, 52(2), 110-129. <https://doi.org/10.1080/2372966X.2022.2029218>

Thompson, I., Hong, J. S., Lee, J. M., Prys, N. A., Morgan, J. T., & Udo-Inyang, I. (2020). A review of the empirical research on weight-based bullying and peer victimisation published between 2006 and 2016. *Educational Review*, 72(1), 88-110. <https://doi.org/10.1080/00131911.2018.1483894>

Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277–287. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>

Toomey, R. B., & Russell, S. T. (2016). The role of sexual orientation in school-based victimization. *Youth & Society*, 48(2), 176–201. <https://doi.org/10.1177/0044118X13483778>

Torgal, C., Espelage, D. L., Polanin, J. R., Ingram, K. M., Robinson, L. E., el Sheikh, A. J., & Valido, A. (2023). A meta-analysis of school-based cyberbullying prevention programs' impact on cyber-bystander behavior. *School Psychology Review*, 52(2), 95–109. <https://doi.org/10.1080/2372966X.2021.1913037>

Travers, Á., McDonagh, T., & Elklit, A. (2018). Youth Responses to School Shootings: A Review. *Current Psychiatry Reports*, 20(6). <https://doi.org/10.1007/s11920-018-0903-1>

Tsaousis, I. (2016). The relationship of self-esteem to bullying perpetration and peer victimization among schoolchildren and adolescents: A meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior*, 31, 186–199. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.09.005>

Ttofi, M. M., & Farrington, D. P. (2011). Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: A systematic and meta-analytic review. *Journal of Experimental Criminology*, 7(1), 27–56. <https://doi.org/10.1007/s11292-010-9109-1>

Ttofi, M. M., Farrington, D. P., Lösel, F., & Loeber, R. (2011). The predictive efficiency of school bullying versus later offending: A systematic/meta-analytic review of longitudinal studies. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 21(2), 80–89. <https://doi.org/10.1002/cbm.808>

Ttofi, M. M., Bowes, L., Farrington, D. P., & Lösel, F. (2014). Protective factors interrupting the continuity from school bullying to later internalizing and externalizing problems: A systematic review of prospective longitudinal studies. *Journal of School Violence*, 13(1), 5–38. <https://doi.org/10.1080/15388220.2013.857345>

Ttofi, M., Loeber, R., Lösel, F., & Farrington, D. (2012). Involvement of children in school bullying: A systematic review of its effects on later criminal and health outcomes based on longitudinal studies. *Campbell Systematic Reviews* 2012.

Turanovic, J. J., & Siennick, S. E. (2022). *The causes and consequences of school violence: A Review* (NIJ 302346). U.S. Department of Justice. <https://ojp.gov/library/publications/causes-and-consequences-school-violence-review>

Valdebenito, S., Ttofi, M., & Eisner, M. (2015). Prevalence rates of drug use among school bullies and victims: A systematic review and meta-analysis of cross-sectional studies. *Aggression and Violent Behavior*, 23, 137-146. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.004>

Valdebenito, S., Ttofi, M. M., Eisner, M., & Gaffney, H. (2017). Weapon carrying in and out of school among pure bullies, pure victims and bully-victims: A systematic review and meta-analysis of cross-sectional and longitudinal studies. *Aggression and Violent Behavior*, 33, 62–77. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.004>

Valle, J. E., & Williams, L. C. de A. (2021). Engajamento escolar: Revisão de literatura abrangendo relação professor-aluno e bullying. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37310>

Valle, J. E., Williams, L. C. A., & Stelko-Pereira, A. C. (2020). Whole-school antibullying interventions: A systematic review of 20 years of publications. *Psychology in the Schools*, 57(6), 868–883. <https://doi.org/10.1002/pits.22377>

van Aalst, D. A. E., Huitsing, G., & Veenstra, R. (2022). A systematic review on primary school teachers' characteristics and behaviors in identifying, preventing, and reducing bullying. *International Journal of Bullying Prevention*, 1–14. <https://doi.org/10.1007/s42380-022-00145-7>

Vandebosch, H., Botezat, A., Amodeo, A. L., Pabian, S., Plichta, P., Puharić, Z., & Pyżalski, J. (2022). A scoping review of technological interventions to address ethnicity-related peer aggression. *Aggression and Violent Behavior*, 67, 101794. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2022.101794>

Wallace, B. C., Small, K., Brodley, C. E., Lau, J., & Trikalinos, T. A. (2012). Deploying an interactive machine learning system in an evidence-based practice center: Abstrackr. *Proceedings of the 2nd ACM SIGHIT International Health Informatics Symposium*, 819–824. <https://doi.org/10.1145/2110363.2110464>

Wu, L., Zhang, D., Su, Z., & Hu, T. (2015). Peer Victimization Among Children and Adolescents: A Meta-Analytic Review of Links to Emotional Maladjustment. *Clinical Pediatrics*, 54(10), 941–955. <https://doi.org/10.1177/0009922814567873>

Xing, J., Peng, M., Deng, Z., Chan, K. L., Chang, Q., & Ho, R. T. H. (2022). The prevalence of bullying victimization and perpetration among the school-aged population in Chinese communities: A systematic review and meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15248380221129595. <https://doi.org/10.1177/15248380221129595>

Yosep, I., Hikmat, R., & Mardhiyah, A. (2023a). School-based nursing interventions for preventing bullying and reducing its incidence on students: A scoping review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(2), 1577. <https://doi.org/10.3390/ijerph20021577>

Yosep, I., Hikmat, R., Mardhiyah, A., Kurniawan, K., & Amira, I. (2023b). A scoping review of the online interventions by nurses for reducing negative impact of bullying on students. *Journal of Multidisciplinary Healthcare, Volume 16*, 773–783. <https://doi.org/10.2147/JMDH.S406050>

Zakszeski, B., & Rutherford, L. (2021). Mind the gap: A systematic review of research on restorative practices in schools. *School Psychology Review, 50*(2–3), 371–387. <https://doi.org/10.1080/2372966X.2020.1852056>

Zych, I., Viejo, C., Vila, E., & Farrington, D. P. (2021). School bullying and dating violence in adolescents: A systematic review and meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse, 22*(2), 397–412. <https://doi.org/10.1177/1524838019854460>

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Josafá da Cunha : Administração do projeto, Conceitualização, Análise de dados, Redação do manuscrito original.
Hellen T. Amaral: Conceitualização, Análise de dados, Redação do manuscrito original.
Bianca N. Ricci: Conceitualização, Análise de dados, Redação do manuscrito original.
Sarah A. Roza: Conceitualização, Análise de dados, Redação do manuscrito original.
Vitor N. A. Yano: Conceitualização, Análise de dados, Redação do manuscrito original.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

FINANCIAMENTO

O projeto “Desenvolvimento de estudos e pesquisas para o aprimoramento das capacidades institucionais de órgãos da Administração Pública na elaboração, implementação, monitoramento e avaliação de políticas públicas e seus mecanismos de governança” é uma iniciativa da Coordenação-Geral de Avaliação e Organização de Evidências, por meio de financiamento do Ministério da Educação. O projeto foi realizado em parceria com o Laboratório de Comportamento Político, Instituições e Políticas Públicas (LAPCIPP) do Instituto de Ciência Política (IPOL) da Universidade de Brasília (UnB), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa (FUNAPE).O financiamento para o projeto foi executado por meio do TED nº 01/2021, assinado entre a Fundação Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) e a UnB.

APÊNDICE A

Tabela A1

Características da violência escolar

| Categories | Artigo | Natureza da violência escolar abordada | Número de estudos na revisão | Objetivo | Principais resultados |
|---|-----------------------------|--|------------------------------|---|--|
| 1. Violência entre professores e estudantes | Gusfre et al., 2022 | Violência entre professores e estudantes | 38 | Revisar estudos sobre diferentes tipos de comportamentos agressivos de professores contra estudantes. | A violência de professores contra estudantes foi identificada em escolas em diversos países, com prevalências entre 0,6% e 90%. A vitimização de professores contra estudantes prejudica a saúde física e mental dos estudantes. |
| | Scharpf et al., 2022 | Violência entre professores e estudantes | 84 | Revisar estudos quantitativos sobre violência de professores contra estudantes. | A violência emocional de professores contra estudantes é um fenômeno global e com impactos negativos na saúde mental, bem-estar escolar e desempenho acadêmico dos alunos. Fatores culturais, políticas escolares e características individuais dos envolvidos contribuem para esse comportamento. |
| 2. Violência e estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE) | Çulhaoğlu & Akmanoğlu, 2022 | Bullying / vitimização entre pares | 13 | Examinar estudos quantitativos sobre bullying contra crianças com transtorno do espectro autista (TEA). | Crianças com TEA estão mais vulneráveis ao bullying, e as que têm ansiedade social são as que mais sofrem vitimização. Aspectos que favorecem esta vulnerabilidade incluem comportamentos inadequados, baixas habilidades sociais, problemas de comunicação, dificuldade em fazer e manter amigos, dificuldade de adaptação, estereotípias e dificuldades para compreender as ações e pensamentos de outras pessoas. |
| | Falla & Ortega-Ruiz, 2019 | Bullying / vitimização entre pares | 29 | Analisar a relação entre o transtorno do espectro autista (TEA) e a vitimização por bullying escolar. | Estudantes com transtorno do espectro autista (TEA) possuem um risco aumentado de sofrer bullying. Muitas vezes, o tipo de bullying que esses alunos enfrentam difere do que os alunos em desenvolvimento típico experienciam, e eles podem ser menos propensos a relatar o bullying aos adultos. |
| | Maïano, Aimé, et al., 2016 | Bullying / vitimização entre pares | 11 | Examinar a prevalência e os fatores associados ao bullying entre jovens com deficiência intelectual (DI). | As prevalências de bullying identificadas em estudos entre jovens com DI foram: perpetração (15,1%), vitimização (36,3%) e ambos (25,2%). As formas de vitimização sofridas por estudantes com DI incluíram violência verbal (50,2%), virtual (38,3%), relacional (37,4%) e física (33,3%). |

| | | | | | |
|-------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|----|---|--|
| | Maïano, Normand, et al., 2016 | Bullying / vitimização entre pares | 17 | Identificar as prevalências de bullying escolar entre jovens com TEA em idade escolar. | As prevalências identificadas foram de: vitimização (44%), perpetração de bullying escolar (10%), e ambos (16%). Sobre as categorias de vitimização: verbal (50%), física (33%) e relacional (31%). Estes jovens correm maior risco de vitimização escolar em geral, e de bullying verbal, do que seus pares com desenvolvimento típico. |
| | Martínez-Montegudo et al., 2023 | Bullying / vitimização entre pares | 15 | Revisar estudos sobre bullying e cyberbullying em alunos academicamente superdotados. | Estudantes com superdotação sofrem mais bullying e praticam menos agressão com estudantes que não tem superdotação. Porém, entre o grupo de estudantes com esse mesmo diagnóstico, foi observada prevalência elevada de vítimas bullying e cyberbullying, variando de 31,3% a 67%. |
| 3. Violência entre estudantes | Bjereld et al., 2020 | Bullying / vitimização entre pares | 44 | Analisar como a prevalência em estudos suecos sobre vitimização por bullying está relacionada à forma como ela é definida e medida. | Embora os níveis de vitimização dependam do método de medição adotado em cada estudo, foi observado um padrão semelhante de prevalência ao longo do tempo, com aumento da prevalência de bullying nos últimos anos avaliados. |
| | Coelho et al., 2016 | Bullying / vitimização entre pares | 26 | Analisar o foco de pesquisas brasileiras sobre bullying escolar entre 2009 e 2014. | Há uma predominância de estudos descritivos e transversais sobre bullying no Brasil, sendo que poucas publicações adotam uma perspectiva que considera fatores mais amplos afetando a interação entre estudantes em situações de bullying. Além disso, são identificados estudos preliminares sobre o processo de implementação de programas preventivos, sendo necessário produzir estudos de avaliação sobre a eficácia de tais programas. |
| | Costantino et al., 2022 | Bullying / vitimização entre pares | 13 | Analisar a prevalência de bullying em estudos realizados por instituições internacionais e supranacionais. | Foram encontrados índices baixos de prevalência em estudos realizados no Norte europeu (entre 0,3% e 5,7%), até cerca de 25% nos EUA e Reino Unido e 29% na China. |
| | Corona & Schwartz, 2021 | Violência escolar em geral | 10 | Analisar abordagens conceituais sobre a violência escolar em pesquisas nacionais. | Há características sociais, políticas e culturais da violência na escola que não podem ser negligenciadas. Divergências conceituais na abordagem sobre a violência na escola dificultam o delineamento de pesquisas e políticas públicas diante do problema. |
| | Foody et al., 2017 | Bullying, Cyberbullying | 39 | Compreender a prevalência, fatores associados e estratégias | A prevalência de vitimização na Irlanda é, em geral, maior no ensino fundamental (22,4%) do que no ensino médio (11,8%). |

| | | | | | |
|--|----------------------------|------------------------------------|---|--|--|
| | | | de intervenção em relação ao bullying na Irlanda. | Entre fatores psicológicos associados negativamente ao bullying foram identificados autoestima, satisfação com a vida, bem-estar psicológico e saúde mental. | |
| | García-García et al., 2017 | Bullying, Cyberbullying | 32 | Revisar estudos sobre prevalência de bullying em escolas na Espanha. | Foi registrada uma taxa de prevalência global de 11,45% para o bullying escolar na Espanha. Quanto aos diferentes tipos de violência, foram observados os seguintes percentuais: 13,30% para bullying (físico, verbal, relacional e social); 7,62% para cyberbullying; e 6,9% para estudantes que foram vítimas de ambas as formas. |
| | Primc et al., 2021 | Bullying, Cyberbullying | 81 | Revisar a literatura sobre a violência entre pares nas escolas de ensino fundamental e ensino médio da Eslovênia. | No ensino fundamental, o bullying atinge até 76% dos estudantes, e o cyberbullying fica abaixo de 10%. No ensino médio, os índices de prevalência são de 97% e 67%, respectivamente. Em ambas as etapas de ensino, os meninos se mostram mais frequentemente como agressores, enquanto as meninas são mais frequentemente vítimas. |
| | Mandira & Stoltz, 2021 | Bullying / vitimização entre pares | 24 | Revisar estudos longitudinais sobre bullying entre estudantes do ensino fundamental. | O clima escolar se destaca na literatura como um dos principais fatores preditores do bullying, incluindo fatores de risco e proteção. Além disso, revisa as formas de envolvimento de estudantes em situações de bullying: vítimas, agressores, vítimas-agressores ou não envolvidos, sendo que de modo global a maior parte dos estudos relatou taxas mais altas de estudantes “não-envolvidos”. |
| | Tokunaga, 2010 | Cyberbullying | 25 | Sintetizar descobertas de pesquisas quantitativas sobre cyberbullying. | Entre 20% e 40% dos jovens já sofreram cyberbullying pelo menos uma vez, um fenômeno que parece não estar associado à idade e ao gênero, mas está associado a problemas psicossociais, acadêmicos e afetivos. |
| 4. Atitudes e comportamentos diante da violência escolar | Byrne et al., 2018 | Cyberbullying | 6 | Investigar o conhecimento e atitudes de enfermeiros/as escolares sobre situações de cyberbullying. | Há diferença de entendimento do uso de redes sociais por profissionais e estudantes, resistência de vítimas a relatar incidentes de vitimização e falta de conhecimento sobre o funcionamento das plataformas. |
| | Dawes et al., 2023 | Bullying, Cyberbullying | 42 | Examinar o conhecimento e atitudes em relação ao bullying de professores auxiliares ou em formação. | Poucos professores em formação compreendem o bullying, alguns acreditam que seja parte normal da vida escolar e, embora se sintam responsáveis por fazer algo, relatam sentir-se incapazes para intervir. |

| | | | | |
|-----------------|----------------------------|-----|--|---|
| Ma et al., 2019 | Bullying, Cyberbullying | 155 | Investigar a proporção de estudantes defensores em situações de vitimização e as associações entre a defesa e fatores individuais e relacionais no contexto escolar e cibernético. | Na média global entre estudos, 43% dos estudantes relatou defender seus colegas em incidentes de vitimização. A análise encontrou associações pequenas, mas significativas entre o comportamento de defesa e características de estudantes associadas a maior probabilidade de defender colegas: crianças mais velhas foram menos propensas a defender vítimas; meninas e estudantes que sofreram vitimização tendem a se engajar mais em comportamentos de defesa. |
|-----------------|----------------------------|-----|--|---|

Tabela A2*Fatores associados à violência escolar em geral*

| Categorias | Artigo | Natureza da violência escolar abordada | Número de estudos na revisão | Objetivo | Principais resultados |
|---|-----------------------|---|-------------------------------------|--|---|
| 1. Aspectos demográficos | Nesello et al., 2014 | Violência escolar (em geral) | 24 | Identificar fatores associados à violência escolar no Brasil. | Dentre 24 estudos analisados, 20 se concentraram em escolas nas regiões sul ou sudeste. Estudos baseados na percepção de estudantes são mais frequentes (n = 20) que estudos examinando a percepção de professores sobre a violência escolar. Violência psicológica, preconceito e discriminação e faltas à escola por sensação de insegurança são muito frequentes nos estudos avaliados. Ao organizar uma síntese sobre a frequência de violência, foram identificadas taxas elevadas de violência escolar em geral (entre 42,4% e 87,3%), física (34,4%), preconceito e discriminação (entre 76% e 93,3%), ataques ao patrimônio (69,4%) e relatos sobre testemunhar bullying (entre 82% e 83,9%). Fatores de risco para o envolvimento em violência escolar variam conforme o contexto (ex. brigas com armas), porém dois fatores se destacaram como preditores de envolvimento como vítimas ou agressores: participantes do gênero masculino e vivenciar violência no âmbito familiar. |
| | Basilici et al., 2022 | Bullying, vitimização entre pares | 20 | Revisar a associação entre a diversidade étnica na escola e a prática de bullying. | Foram identificados padrões relacionados à forma como a raça/etnia foi abordada nas pesquisas. Em estudos na América do Norte, onde estudos se concentraram na identidade racial de estudantes, escolas com maior diversidade étnico-racial apresentam índices menores de vitimização. Na Europa, estudos se concentraram no status de imigrantes, e a diversidade se destacou como fator de risco para a vitimização. |
| 2. Comportamento antissocial / delinquência juvenil | Polanin et al., 2020 | Violência escolar (em geral) | 114 | Sintetizar estudos quantitativos sobre a relação ao longo do tempo entre comportamentos violentos na escola e seus desdobramentos em saúde mental, desempenho escolar e comportamento antissocial. | Seja como vítima, agressor ou observador, o envolvimento na violência traz impactos negativos para a saúde mental e desempenho acadêmico, além de aumentar o risco de comportamento antissocial. |

| | | | | | |
|--|----------------------------|--|----|---|---|
| | Turanovic & Siennick, 2022 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying, Violência escolar (em geral) | 55 | Revisar metanálises sobre as principais causas e consequências da violência escolar. | Ao analisar os elementos que indicam o envolvimento como autor de atos violentos no ambiente escolar, o comportamento antissocial do aluno se mostrou como o fator mais influente. Adicionalmente, outras características que se destacaram como indicadores do comportamento violento na escola foram o histórico de maus-tratos na infância, a rejeição pelos colegas, a falta de engajamento moral e a presença de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). |
| | Silva et al., 2016 | Bullying, vitimização entre pares | 13 | Analisar a associação entre bullying escolar e a conduta infracional na adolescência e criminosa na idade adulta. | O bullying pode ser um fator de risco independente, ou um preditor, para a conduta infracional na juventude ou criminosa na vida adulta. |
| 3. Identidade de gênero ou orientação sexual | Toomey & Russel, 2016 | Bullying, vitimização entre pares, Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 18 | Comparar os índices de vitimização entre estudantes de minorias sexuais e demais estudantes. | Estudantes lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e transgênero (LGBT) enfrentam mais bullying do que seus colegas não-LGBT, especialmente de múltiplos agressores, e tendem a relatar menos esses incidentes a adultos. |
| | Zych, 2019 | Bullying, vitimização entre pares, Violência no relacionamento entre adolescentes | 23 | Compreender a relação entre bullying e violência no relacionamento entre adolescentes. | A perpetração de bullying e de violência no namoro está significativamente correlacionada, independente do gênero. Além disso, também foi verificada associação significativa entre sofrer bullying e sofrer violência no namoro, mas neste caso a relação é mais forte entre mulheres. |
| | Martín-Castillo, 2020 | Bullying, vitimização entre pares | 19 | Identificar os fatores associados à vitimização de pessoas transexuais e transgênero durante o período escolar. | Pessoas transgênero sofrem mais vitimização do que indivíduos cisgênero, principalmente vitimização verbal, mas também relacional, física e cybervitimização. As consequências envolvem: depressão, faltas e abandono escolar, ideação suicida e abuso de drogas. Diante do problema, é recomendada a inclusão da realidade de pessoas trans no currículo escolar, por meio de atividades inclusivas como oficinas e grupos de apoio para estudantes. |
| | Marx & Kettrey, 2016 | Bullying, vitimização entre pares | 15 | Metanálise para quantificar a associação entre a vitimização na escola e Alianças Gay- | A presença de associações estudantis como a GSA em escolas está associada a menor probabilidade de vitimização homofóbica na |

| | | | | |
|--------------------------------|--|----|--|---|
| | | | Heterossexuais (GSA), que são clubes escolares para jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer e seus aliados. | escola, incluindo menos comentários homofóbicos, além da redução no medo de não estar seguro na escola. |
| Bonell, 2023 | Bullying, vitimização entre pares, Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 68 | Revisar evidências sobre intervenções baseadas na escola para a prevenção da violência no namoro e da violência baseada em gênero | A violência no namoro (VN) e violência de gênero (VDG) são questões importantes nas escolas, afetando até um terço dos estudantes. Intervenções escolares têm impactos de longo prazo na prevenção da VN, mas a efetividade em VDG não é clara. É necessário abordar ambas as formas de violência simultaneamente, com pesquisas rigorosas de avaliação da eficácia de programas. |
| Collier et al., 2013 | Bullying, vitimização entre pares, Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 39 | Identificar impactos associados à vitimização entre pares na adolescência devido à orientação sexual, expressão ou identidade de gênero. | A vitimização relacionada à orientação sexual e identidade de gênero está associada a um menor senso de pertencimento na escola e a maior risco de sintomas depressivos, interrupções nas trajetórias educacionais, estresse traumático e uso de substâncias. |
| Moyano & Sánchez-Fuentes, 2020 | Bullying, vitimização entre pares, Bullying homofóbico | 90 | Compreender a ocorrência de bullying homofóbico no ambiente escolar. | Jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgênero e transsexuais (LGBT) beneficiam-se do apoio de pares e adultos para proteção contra bullying. No entanto, o bullying pode levar a baixo desempenho, evasão escolar e problemas emocionais. Intervenções incluem conscientização, fortalecimento da autoeficácia dos professores e adoção de currículos inclusivos. |
| Mackie et al., 2021 | Bullying, vitimização entre pares, Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 7 | Sintetizar a literatura sobre a saúde mental de jovens transgênero no contexto do ensino médio. | Bullying, vitimização e percepção de segurança estão significativamente associadas a um risco aumentado de sintomas depressivos, ideação e tentativas de suicídio entre jovens transgênero. Por outro lado, o senso de pertencimento e engajamento escolar são possíveis fatores de proteção em relação a saúde mental de estudantes transgênero. |

Tabela A3*Fatores Associados à Vitimização entre Pares, Bullying e Cyberbullying*

| Categorias | Artigo | Natureza da violência escolar abordada | Número de estudos na revisão | Objetivo | Principais resultados |
|----------------------------|-------------------------|--|-------------------------------------|--|--|
| 1. Relação professor-aluno | Ten Bokkel et al., 2023 | Bullying, vitimização entre pares, Violência professor-aluno | 64 | Examinar as associações entre as relações professor-aluno com o bullying e vitimização entre pares. | Relações afetivas positivas entre professores e alunos estão associadas a menos perpetração de bullying e vitimização entre pares, destacando a importância de promover relações positivas para prevenção e intervenção contra o bullying nas escolas. |
| | Valle & Williams, 2021 | Bullying, vitimização entre pares | 35 | Investigar a associação entre a relação professor-aluno, engajamento escolar e o envolvimento em bullying. | Relações positivas entre professores e alunos, bem como a redução do envolvimento em bullying, estão associadas a um maior engajamento escolar, sendo importante incentivar estratégias para melhorar a relação professor-aluno e diminuir o bullying para promover o engajamento dos alunos. |
| | Gizzarelli et al., 2023 | Bullying, vitimização entre pares | 15 | Analisar as respostas dos funcionários da escola aos relatos de bullying, e identificar fatores individuais e escolares que influenciam essas respostas. | Diante de incidentes de bullying, equipes com maior nível de formação específica na temática apresentam maior probabilidade de envolver-se em intervenções com estudantes e a comunidade escolar. É sugerido que intervenções e treinamento para a equipe escolar podem melhorar suas respostas e reduzir o comportamento de bullying na escola. |
| | Azeredo et al., 2015 | Bullying, vitimização entre pares | 31 | Revisar estudos observacionais sobre a associação entre fatores de risco contextuais e o bullying escolar. | Ao analisar múltiplos níveis de influências contextuais, evidências indicam que a desigualdade econômica na escola, na cidade ou no país esteve associada a taxas mais elevadas de bullying, enquanto níveis de violência na cidade ou país também estiveram associados a níveis mais altos de bullying escolar. Fatores no nível escolar, como presença de regras contra o bullying e suporte de professores, estão associados a taxas menores de bullying nas escolas. |
| 2. Relação entre pares | Schacter et al., 2021 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying. | 37 | Examinar os efeitos das amizades na saúde mental e física de adolescentes vítimas de bullying. | A amizade pode ser um fator de proteção contra a vitimização em jovens estudantes. Amigos podem proteger adolescentes vitimizados, especialmente aqueles com problemas de envolvimento social. Ambientes escolares pró-sociais também influenciam a proteção da vitimização através dos amigos, criando um contexto favorável ao estabelecimento e manutenção de relações positivas entre estudantes. |

| | | | | | |
|------------------------|-----------------------|--|-----|---|--|
| | Lambe et al., 2019 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying | 155 | Examinar os fatores relacionados ao comportamento de defesa contra o bullying em diferentes níveis: individual, entre pares, familiar e escolar. | O estudo revelou que defensores contra o bullying geralmente são meninas com alta empatia e popularidade, possuindo relacionamentos de apoio com pais, colegas e professores. A defesa reduz o bullying nas escolas e ocorre em situações complexas, influenciada por fatores como gravidade percebida, estratégia de defesa e pressão dos pares e pais. |
| | Ttofi et al., 2014 | Bullying, vitimização entre pares | 8 | Identificar fatores de proteção que possam interromper a continuidade da perpetração e vitimização de bullying na escola, evitando problemas comportamentais posteriores. | O estudo identificou fatores protetores que interrompem a continuidade do bullying na escola e atenuar seus impactos negativos a longo prazo. Estes fatores protetivos incluem bom desempenho escolar, boas habilidades sociais e relações de apoio com pais e colegas. Evidências mostram que programas contra o bullying eficazes podem ser bem-sucedidos em interromper a continuidade do bullying e atenuar seus efeitos de longo prazo. |
| 3. Relações familiares | Oliveira et al., 2017 | Bullying, vitimização entre pares | 27 | Avaliar a relação entre o contexto familiar e a ocorrência de bullying. | As crianças que sofrem castigo físico (severo ou humilhante) nas suas famílias, podem ter sua qualidade de vida afetada e se envolverem em situações de violência na escola com maior facilidade. Estudantes que sofrem com muitos problemas na família são mais agressivos na escola que aqueles que possuem relações familiares positivas. |
| | Oliveira et al., 2015 | Bullying, vitimização entre pares | 54 | Mapear a produção científica sobre relações entre relações familiares e o envolvimento em bullying. | Alguns dos fatores familiares associados a maior envolvimento em bullying escolar incluem pouco tempo de interação de qualidade entre filhos e famílias, estresse familiar, uso de castigos físicos e práticas parentais punitivas, relações pouco afetivas entre pais e filhos e problemas de saúde mental materna. Por outro lado, o relacionamento positivo entre pais e filhos se destaca como fator de proteção quanto ao bullying. |
| | Patton et al., 2017 | Bullying, vitimização entre pares | 24 | Revisar a pesquisa qualitativa sobre bullying e vitimização entre pares nas escolas entre 2004 e 2014. | Durante o período analisado, observou-se um aumento nas ações contra o bullying nas escolas, contudo, o problema ainda persiste. Para prevenir o problema, destacam-se focos como a busca por equilíbrio de poder nas relações escolares, estabilização das relações entre escola, família e comunidade, e a compreensão das especificidades de cada contexto. |

| | | | | | |
|---------------------|---------------------------------------|--|----|--|--|
| | Fregoso-Borrego et al., 2021 | Bullying, vitimização entre pares. | 32 | Identificar a relação entre variáveis contextuais (família, escola e comunidade) e a violência escolar entre estudantes do ensino médio. | As variáveis que mais influenciaram a violência escolar incluem comunicação com os pais, clima escolar, exposição à violência e vínculo com a comunidade. Isso ressalta a importância de compreender as influências contextuais na violência escolar. |
| | Tatiani, 2021 | Bullying, vitimização entre pares | 16 | Examinar a relação entre bullying na escola, estilos parentais e fatores socioeconômicos. | Estilos parentais autoritários, indiferentes e superprotetores contribuem para comportamentos de bullying em crianças e adolescentes. O nível educacional dos pais afeta o bullying na educação infantil, enquanto adversidades socioeconômicas correlacionam-se ao bullying na adolescência. |
| | Jackson et al., 2017 | Bullying, vitimização entre pares | 13 | Examinar fatores de proteção contra a vitimização de crianças e jovens em ambientes escolares e comunitários. | O estudo identificou nove fatores individuais de proteção (ex.: força física, percepção de competência social, comportamento pró-social) e dez fatores contextuais (ex.: qualidade da relação entre pares, aceitação pelos pares e ambiente familiar coercitivo). Esses resultados variam de acordo com o gênero e a idade dos estudantes. |
| | Oliveira et al., 2018 | Bullying, vitimização entre pares | 61 | Analisar as relações entre o contexto familiar e o envolvimento em situações de bullying escolar. | Os estudos identificados indicam relação entre bullying e o contexto familiar, destacando fatores como composição familiar, práticas e estilos parentais, sentimentos dos pais em relação aos filhos, saúde mental dos pais, e violência familiar (ex.: maus tratos). |
| | González-Moreno & Molero-Jurado, 2023 | Bullying, vitimização entre pares. | 24 | Examinar a relação entre violência escolar, apoio familiar e comportamentos pró-sociais. | Comportamentos pró-sociais, como a empatia, podem ser ensinados e aprendidos, e estão associados a um menor envolvimento em bullying. O apoio familiar e as práticas escolares podem contribuir para a promoção desses comportamentos. |
| | Costa et al., 2023 | Bullying, vitimização entre pares | 48 | Identificar a relação entre bullying escolar e o contexto familiar. | O estudo destaca nove fatores de risco familiares para o bullying escolar (ex.: negligência parental, abuso, pobreza e atitudes violentas) e quatro fatores de proteção quanto a esse envolvimento (apoio parental, monitoramento, disciplina positiva e altas expectativas). |
| 4. Fatores de risco | Tabares & Duque, 2022 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying | 80 | Analisar a influência dos processos sociocognitivos de desengajamento moral nos | Embora apresentem manifestações distintas, o bullying e no cyberbullying eles surgem de forma paralela e têm trajetórias semelhantes. O desengajamento moral foi identificado como |

| | | | | |
|--------------------------------------|---|----|---|---|
| | | | comportamentos de bullying e cyberbullying em crianças e adolescentes. | um preditor consistente do bullying, cyberbullying e comportamentos agressivos em crianças e adolescentes. Os dados sugerem a importância de intervenções que estimulem a empatia, a identidade moral, os valores prosociais e a autoestima como fatores protetores contra o desengajamento moral e o envolvimento em bullying e cyberbullying. |
| Lee et al., 2017 | Cyberbullying | 38 | Identificar fatores associados ao cyberbullying na Coreia do Sul. | Foram identificados como fatores de risco para o envolvimento como autores ou vítimas de cyberbullying aspectos da família (abuso parental verbal e problemas de apego), das relações com pares (associação com pares delinquentes), da escola (baixa satisfação escolar) e das mídias (falta de regras para interações por meio das tecnologias de informação e comunicação). |
| Casper et al., 2020 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying, | 46 | Identificar as associações entre a agressão relacional e a vitimização, a popularidade, aceitação social, rejeição e características da amizade. | Há uma forte associação entre agressão relacional e vitimização relacional. Além disso, estudantes populares enfrentam menos ataques, enquanto os pares rejeitados têm maior risco de vitimização. |
| Gómez - Tabares & Correa-Duque, 2022 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying | 45 | Revisar a literatura sobre o efeito do desengajamento moral na participação de crianças e adolescentes em bullying, cyberbullying e outras condutas agressivas. | O desengajamento moral foi associado com o envolvimento de crianças e adolescentes em bullying, cyberbullying, agressão e comportamentos antissociais. Os meninos apresentam maior tendência do que as meninas ao desengajamento moral, bullying, cyberbullying e agressão. |
| Xing et al., 2022 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying | 68 | Revisar a prevalência de vitimização e perpetração geral, face a face e cyberbullying. | As análises mostraram uma alta heterogeneidade da prevalência entre os estudos que estimam a vitimização e a perpetração do bullying, o que pode ser explicada pelas características da amostra e pelas abordagens de medição. |
| Christina et al., 2021 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying | 85 | Investigar a relação bidirecional entre problemas de comportamento internalizados (ex., ansiedade) e vitimização entre pares. | O estudo incluiu diferentes formas de vitimização (vitimização relacional, física, verbal e cyberbullying), sendo que todas essas formas de vitimização estavam associadas a níveis aumentados de problemas internalizados, como ansiedade e depressão, em crianças em idade escolar. Além disso, o estudo revelou que a relação entre a vitimização e os problemas internalizados era bidirecional, o que significa que a vitimização pode levar a |

problemas internalizados, e esses problemas podem tornar as crianças mais propensas a serem vitimizadas.

| | | | | |
|-----------------------|------------------------------------|----|--|---|
| Noret et al., 2018 | Bullying, vitimização entre pares | 23 | Examinar se a relação entre a vitimização entre pares e os problemas de ajustamento é mediada por avaliações cognitivas individuais. | As avaliações cognitivas primárias, que envolvem a avaliação de uma experiência como ameaçadora ou controlável, parcialmente mediam a relação entre a vitimização por colegas e o ajustamento. As avaliações secundárias, incluindo a autoeficácia e o suporte social percebido, também desempenham um papel na explicação dessa relação. |
| Kliewer et al., 2019 | Bullying, vitimização entre pares | 20 | Examinar a associação entre a vitimização por pares e a produção de cortisol, um marcador fisiológico do estresse. | O estudo encontrou que crianças e adolescentes que foram vítimas de bullying apresentaram níveis mais baixos de cortisol em resposta a um estressor agudo, e seus níveis de cortisol permaneciam elevados ao longo do dia, o que pode ter implicações negativas para a saúde física e mental. |
| Kretschmer, 2016 | Bullying, vitimização entre pares | 65 | Examinar mediadores do bullying. | A vitimização por pares em adolescentes está associada a problemas emocionais, sociais e acadêmicos, sendo que diversos fatores foram enumerados como possíveis mediadores dessa associação. Por exemplo, estudantes envolvidos em vitimização podem experimentar problemas emocionais (ex., sintomas depressivos) que aumentam o risco para outros problemas de comportamento. |
| Steffgen et al., 2013 | Bullying, vitimização entre pares | 36 | Avaliar a relação entre o clima escolar e a violência escolar. | Há relação moderadamente negativa entre a percepção dos alunos sobre o clima escolar e a violência escolar. O estudo explorou possíveis moderadores dessa associação, mas não identificou resultados consistentes entre os estudos avaliados. |
| Gázquez et al., 2015 | Bullying, vitimização entre pares, | 19 | Identificar os fatores de risco que influenciam ou causam a violência escolar. | A revisão avaliou fatores de risco para a violência escolar, destacando fatores do contexto familiar (ex., punição corporal, maus-tratos, conflitos), escolares (ex., baixo desempenho acadêmico, falta de normas), uso das tecnologias de informação e comunicação e aspectos individuais (ex., empatia, temperamento, autoestima). |
| Ttofi et al., 2012 | Bullying, vitimização entre pares | 15 | Examinar o bullying escolar como preditor de agressão e comportamentos antissociais. | Há uma ligação significativa entre bullying escolar e comportamentos antissociais mais tarde na vida. Essas associações permaneceram significativas mesmo após o |

controle de outros fatores de risco para o comportamento agressivos e violentos.

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------------|----|--|--|
| Ttofi & Farrington, 2011 | Bullying, vitimização entre pares | 28 | Investigar se as vítimas do bullying na infância e adolescência tendem a desenvolver depressão mais tarde na vida. | A vitimização por bullying escolar foi um fator de risco significativo para depressão na vida adulta, sendo que a probabilidade de ficar deprimido até 36 anos depois foi muito maior para crianças que sofreram bullying na escola do que para alunos não vitimizados. |
| Ttofi et al., 2011 | Bullying, vitimização entre pares | 28 | Investigar se a perpetração de bullying na escola prediz maior risco de comportamento delinquente. | A perpetração de bullying foi um fator de risco significativo para infrações posteriores. A probabilidade de envolvimento em ofensas criminais até 11 anos depois era muito maior para estudantes que agrediam seus pares. |
| Reijntjes et al., 2010 | Bullying, vitimização entre pares | 18 | Examinar a correlação entre vitimização entre pares e problemas internalizados (ex., ansiedade) em crianças. | O estudo revelou uma relação recíproca entre a vitimização por pares e problemas internalizados, sugerindo que crianças que enfrentam tais problemas são mais suscetíveis à vitimização por colegas e vice-versa, em um ciclo vicioso de influências. Além disso, fatores como gênero, idade e etnia desempenham um papel relevante moderando essa associação. |
| Álvarez-García, 2015 | Bullying, vitimização entre pares | 85 | Revisar possíveis fatores de risco preditores da perpetração do bullying escolar tradicional na adolescência. | O estudo identificou fatores de risco associados ao bullying e ao cyberbullying, incluindo (1) fatores individuais, como gênero masculino, idade mais jovem, baixa empatia e desengajamento moral; (2) familiares, como conflito e maus-tratos; (3) escolares, como clima adverso, rejeição por pares e vitimização; e (4) comunitários, como níveis de violência e status socioeconômico. |
| Wu et al., 2015 | Bullying, vitimização entre pares | 65 | Revisar estudos que avaliem a relação entre vitimização entre pares e o ajustamento emocional. | A vitimização entre pares é um fator de risco significativo para problemas emocionais em crianças e adolescentes, como ansiedade e depressão. A relação entre vitimização e problemas emocional é ainda mais pronunciada entre meninas, crianças mais jovens, minorias e famílias de baixo status socioeconômico. |
| Eilts & Koglin, 2022 | Bullying, vitimização entre pares | 12 | Analisar a prevalência e fatores relacionados ao bullying envolvendo estudantes com | Estudantes com transtornos emocionais e comportamentais tem risco maior para o envolvimento em bullying, tanto como agressores quanto como vítimas. |

| | | | | transtornos emocionais e comportamentais. | |
|-------------------------|-------------------------|--|----|--|---|
| 5. Autolesão e suicídio | Karanikola et al., 2018 | Bullying, vitimização entre pares, autolesões | 22 | Explorar a associação entre autolesão e bullying escolar em jovens. | Foi identificado padrão de associação positiva entre autolesão deliberada, autolesão não suicida e vitimização de escolar. Ou seja, estudantes envolvidos em bullying apresentaram maior risco de comportamentos autolesivos. Além disso, os sintomas depressivos mediarão essa associação. |
| | Mullan et al., 2023 | Bullying, vitimização entre pares | 22 | Examinar as relações entre a vitimização entre pares, problemas internalizados e autoestima. | Pessoas que sofrem bullying apresentam mais sintomas internalizados (ex., depressão e ansiedade) e redução na autoestima. A autoestima atua como mediadora do impacto do bullying nos sintomas internalizados. |
| | Cooper et al., 2012 | Bullying, vitimização entre pares, Cyberbullying | 5 | Investigar se os adolescentes envolvidos com bullying na infância apresentam maior risco de suicídio. | A vitimização por bullying na infância estaria associada à maior incidência de ideação e tentativas de suicídio, e o risco de suicídio aumenta com o aumento da exposição ao bullying. |
| | Cheek et al., 2020 | Vitimização entre pares | 56 | A pesquisa tem como objetivo explorar a relação entre a vitimização e rejeição por pares e comportamentos autolesivos na adolescência. | Os resultados mostram que a vitimização e rejeição por pares estão associados a comportamentos autolesivos, sendo que a dor psicológica pode mediar essa associação. |
| 6. Outros fatores | Thompson et al., 2020 | Bullying, vitimização entre pares | 32 | Revisar pesquisas empíricas sobre bullying baseado em peso publicadas entre 2006 e 2016. | Os estudos sugerem que crianças obesas têm maior probabilidade de serem vítimas de bullying, resultando em uma imagem corporal negativa e menor autoestima. A prevalência deste tipo de bullying afeta meninos e meninas igualmente. A vitimização na infância pode levar a problemas de saúde, como a obesidade na idade adulta. |
| | Sanguineti et al., 2023 | Bullying, vitimização entre pares. | 7 | Analisar evidências da relação entre normas sociais e violência entre pares. | A influência das normas sociais parece depender de características individuais e do tipo e grau de violência e da qualidade das relações com pares e amigos. |
| | Jack & Egan, 2017 | Bullying, vitimização entre pares | 10 | Revisar a literatura que trata da associação entre bullying na infância e o pensamento paranoico. | Observou-se uma associação positiva entre experiências de bullying na infância e manifestações de pensamentos paranoicos, os quais são caracterizados pela crença de estar sendo perseguido ou maltratado. |

| | | | | |
|--------------------------|-----------------------------------|-----|---|---|
| Tsaousis, 2016 | Bullying, vitimização entre pares | 121 | Revisar a relação entre autoestima e envolvimento em bullying. | Sofrer vitimização por colegas está negativamente associado à autoestima ($r = -0,27$). Uma associação negativa, mas pequena ($r = -0,07$), foi observada entre a perpetração de bullying e autoestima. |
| Valdebenito et al., 2015 | Bullying, vitimização entre pares | 61 | Determinar a prevalência do uso de drogas entre agressores e vítimas escolares e explorar a associação entre o bullying e o uso de drogas. | Foi identificada uma associação significativa entre bullying escolar e uso de drogas tanto para agressores quanto para vítimas. Em comparação com não-agressores, agressores são 2,82 vezes mais propensos a usar drogas, enquanto vítimas de bullying são 1,79 vezes mais propensas. |
| Cunningham et al., 2016 | Bullying, vitimização entre pares | 10 | Analisar a relação entre bullying na infância e o desenvolvimento de sintomas psicóticos. | Sofrer bullying na infância está associado ao desenvolvimento posterior de psicose, sendo que crianças vitimizadas tem 2,15 vezes mais chance de desenvolver sintomas psicóticos. |
| Scherman, 2020 | Bullying, vitimização entre pares | 7 | Examine o papel da composição das redes sociais (ex., suporte social) em relação ao bullying nas escolas em países em desenvolvimento e emergentes. | O estudo ressalta a importância de ambientes sociais e educacionais acolhedores nas escolas. Quando os alunos se sentem conectados à sua comunidade e seguros em suas escolas, são menos propensos a envolverem-se em comportamentos de bullying. O clima escolar e os laços da escola com a comunidade mais ampla desempenham um papel crucial para compreender processos de bullying. |

Tabela A4*Ataques armados em escolas*

| Artigo | Número de estudos na revisão | Objetivo | Principais resultados |
|--------------------------|-------------------------------------|---|---|
| Sommer et al., 2014 | 35 | Revisar sistematicamente as pesquisas sobre tiroteios em escolas, com foco no papel das interações entre indivíduos ou grupos de pessoas (dinâmica social). | Dentre os casos de tiroteios avaliados (n = 67), 88,1% dos atiradores haviam se envolvido em conflitos na escola, incluindo bullying (29,9%), rejeição por pares (53,7%), rejeição romântica (29,9%) e conflitos com professores (43,3%). Estas dinâmicas intensificam sentimentos de isolamento e marginalização, aumentando o risco de um indivíduo perpetrar um ataque. Para prevenir essas ocorrências, é vital criar um ambiente escolar positivo e atender às necessidades sociais dos estudantes. |
| Valdebenito et al., 2017 | 35 | Revisar a associação entre o bullying e o porte de armas dentro e fora do contexto escolar | A meta-análise revela uma forte associação entre o bullying escolar e o porte de armas. Perpetradores e vítimas de bullying tem mais chance de portar armas na escola. No caso de estudantes apenas vitimizados e simultaneamente agressores e vítimas, foi observada maior probabilidade de portar uma arma na escola do que fora, alinhando-se à hipótese de porte de armas por "vulnerabilidade/autodefesa". Estudantes que apenas perpetravam bullying têm as mesmas chances de portar armas dentro e fora das escolas, apontando para uma tendência antissocial subjacente. |
| Grøndahl & Bjørkly, 2016 | 10 | Explorar a qualidade da pesquisa em publicações sobre atiradores escolares. | Há escassez de estudos sobre ataques armados em escolas, e a maioria apresenta qualidade insuficiente e fundamentação teórica limitada. As fontes de dados comumente são terciárias, originárias de avaliações escolares, hospitalares e/ou psicológicas. |
| Kim et al., 2021 | 73 | Revisar as tendências das pesquisas sobre tiroteios em massa dos Estados Unidos. | Houve um aumento no número de pesquisas sobre tiroteios, mas muitos estudos apresentam falhas metodológicas. Por exemplo, foi observada ampla inconsistência na definição de tiroteios em massa, o que afeta análises sobre a prevalência do problema. Tiroteios em massa são determinados por múltiplos fatores, dentre os quais se destacam: características demográficas dos atiradores, características do local onde tiroteio ocorre, problemas de saúde mental, acesso a armas e exposição à violência. É importante salientar que há evidências limitadas sobre a eficácia de intervenções para prevenir tiroteios em massa. |
| Travers et al., 2018 | 11 | Sintetizar pesquisas relacionadas aos efeitos em jovens que vivenciaram tiroteios em escolas entre 2014 e 2017. | Tiroteios em escolas têm um impacto profundo nos jovens sobreviventes. Embora muitos consigam retomar suas rotinas em poucos meses, alguns enfrentam desafios prolongados. O trauma é influenciado por fatores como a proximidade ao evento, o estado psicossocial pré-trauma e as estratégias de regulação emocional. Contudo, uma forte rede de suporte social e o enfrentamento coletivo do trauma desempenham um papel crucial na recuperação. |
| Stewart et al., 2022 | 27 | Examinar a literatura sobre mortes violentas associadas à escola (MVAE) nos Estados Unidos. | A maioria das pesquisas sobre mortes violentas associadas à escola (MVAE) se concentra em casos de homicídios de múltiplas vítimas, que são pouco frequentes. Os tipos de MVAE mais frequentes são: homicídios de vítima única, suicídio e morte violenta sem armas de fogo. A ampla maioria das MVAE são |

| | | | |
|---------------|----|--|---|
| | | | homicídios, predominantemente com armas de fogo, sendo que o alto índice de homicídios relacionados a armas de fogo nos EUA é atribuído ao fácil acesso a armas. Evidências sobre medidas protetivas para mitigar riscos de MVAE são limitadas quanto a avaliação de eficácia. |
| Nowicki, 2020 | 27 | Examinar as características de tiroteios em escolas, e a associação entre ataques armados e práticas disciplinares da escola (ex., suspensão de estudantes). | Tiroteios em escolas estão associados a conflitos envolvendo estudantes, profissionais da escola, e membros da comunidade. Escolas urbanas, mais pobres e com alta presença de estudantes de minorias tiveram mais tiroteios caracterizados como disputas, enquanto escolas suburbanas e rurais, mais ricas e com baixa presença de minorias tiveram mais suicídios e ataques armados em geral. O estudo também destacou a falta de pesquisa empírica sobre a associação entre disciplina escolar e tiroteios em escolas. Além disso, o estudo identificou vários fatores de risco (por exemplo, exposição à violência ou crime) e fatores de proteção (por exemplo, conexões estáveis com a escola e colegas não violentos) que influenciam a probabilidade de um jovem se tornar um perpetrador de violência. |

Tabela A5*Intervenções diante da violência escolar*

| Categorias | Artigo | Natureza da violência escolar abordada | Número de estudos na revisão | Objetivo | Principais resultados |
|---|---------------------------------|---|-------------------------------------|--|---|
| 1. Processos de implementação | | | | | |
| 1.1. Intervenções de profissionais da escola e estudantes | Rizzo et al., 2022 | Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 68 | Revisar os componentes de intervenções escolares sobre violência em relacionamentos amorosos e de gênero. | Programas escolares de prevenção à violência de gênero e em relacionamentos íntimos focam em estudantes, professores e pais. As abordagens incluem a promoção de competências socioemocionais, prevenção ao bullying e à violência. Podem ser aplicados de forma universal, envolvendo toda a escola, ou individualizada. Estudos indicam sua eficácia, mas mais pesquisas são necessárias para aprimorá-los. |
| | Suzuki & Vitalle, 2020 | Bullying / vitimização entre pares | 2 | Examinar a musicoterapia como forma de enfrentamento ao bullying nas escolas. | A musicoterapia pode ser uma estratégia escolar para lidar com problemas de comportamento, violência e agressividade, envolvendo os jovens em atividades musicais para fomentar a empatia, compreensão emocional e habilidades sociais. |
| | Foon et al., 2020 | Bullying / vitimização entre pares | 10 | Examinar a associação entre serviços de aconselhamento escolar e programas de prevenção ao bullying na escola. | Há poucas pesquisas empíricas sobre a eficácia das intervenções de aconselhamento para combater o bullying. Os estudos existentes mostram resultados mistos, com alguns indicando eficácia na redução do comportamento de bullying, enquanto outros não encontraram efeitos significativos. Intervenções de aconselhamento realizadas em âmbito escolar ou em grupo são mais eficazes do que sessões individuais. |
| | Prezenszky et al., 2018 | Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 36 | Examinar evidências para apoiar ações escolares para a prevenção da violência de gênero no contexto Brasil. | A literatura internacional sugere que ações eficazes para a prevenção da violência de gênero incluem envolver toda a comunidade escolar, capacitar mulheres e promover equidade de gênero, oferecer treinamento para intervenção em situações de violência de gênero e implementar leis e políticas que abordem a questão. Os estudos brasileiros sobre o tema se concentram na descrição de atividades, sem avaliar seus impactos. |
| | Yosep et al., 2023 ^a | Bullying / vitimização entre | 12 | Revisar as intervenções de enfermagem escolar na | Este estudo mostra que as intervenções de enfermagem na escola podem ser uma opção na prevenção e redução da incidência de bullying entre os alunos na escola. |

| | | | | | |
|---|---------------------------------|--|----|---|---|
| | | pares, Cyberbullying | | prevenção e redução da incidência de bullying. | |
| | Goodman et al., 2013 | Bullying / vitimização entre pares | 10 | Identificar intervenções para o bullying em escolas, destinadas a estudantes do ensino fundamental. | Abordagens eficazes para a prevenção ao bullying incluem características como: capacitação de professores, intervenções envolvendo toda a escola, promoção de competências socioemocionais em atividades escolares. |
| | van Aalst et al., 2022 | Bullying / vitimização entre pares | 75 | Examinar o papel dos professores na identificação e prevenção do bullying escolar. | Para a implementação de políticas contra o bullying, fatores como atitudes do professor em relação ao bullying em sala de aula, sua autoeficácia e as condições de trabalho são contribuem para intervenções mais eficazes. |
| | Zakszeski & Rutherford, 2021 | Bullying / vitimização entre pares | 71 | Analisar pesquisas sobre o uso de práticas de justiça restaurativa em escolas. | É necessário definir e descrever as práticas de justiça restaurativa no contexto escolar, bem como mensurar e avaliar mais rigorosamente suas implementações. |
| | Kern et al., 2020 | Bullying / vitimização entre pares | 31 | Examinar intervenções para a redução do bullying, comportamentos agressivos ou inadequados em ambientes de recreio nas escolas. | Componentes de intervenções efetivas para a redução de comportamentos agressivos no recreio incluem a promoção de competências socioemocionais, melhoria da relação entre estudantes e supervisão ativa de adultos durante intervalos. |
| | Fischer et al., 2020 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 36 | Revisar estudos sobre a autoeficácia dos professores na prevenção e intervenção do bullying. | Professores com maior autoeficácia intervêm com mais frequência em situações de bullying e se engajam mais com os programas de intervenção. Poucos estudos (35%) definiram teoricamente o conceito de autoeficácia trabalhado. |
| 1.2. Intervenções no espaço físico escolar | Francis et al., 2022 | Bullying / vitimização entre pares | 61 | Explorar a literatura sobre a relação entre o ambiente físico escolar e o comportamento de bullying nos estudantes. | A maior parte dos estudos identificaram a sala de aula como o local mais frequente de incidentes de bullying, e sugerem que a estrutura física de escolas pode favorecer tais episódios. |
| 1.3. Intervenções multicomponentes | Orr et al., 2022 | Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 68 | Avaliar as intervenções escolares para a prevenção da violência nas relações de gênero e amorosas. | Sugere-se a articulação entre família e escola para melhorar os relacionamentos escolares, fortalecer as relações professor- estudante e entre colegas, aumentar o senso de pertencimento e adotar metodologias ativas centradas nos estudantes. |

| | | | | |
|---------------------------|---|-----|--|--|
| Parkes et al., 2016 | Violência de Gênero ou Sexual Baseada na Escola | 171 | Examinar pesquisas de países de baixa e média renda sobre abordagens para lidar com a violência de gênero na escola. | A maioria das intervenções possui avaliações de curto prazo, com ênfase em atividades de grupo com meninas e meninos. Há variação de abordagens, incluindo as multidimensionais e que consideram políticas além do nível escolar e comunitário. |
| Rawlings & Stoddard, 2019 | Bullying / vitimização entre pares | 10 | Revisar programas de intervenção contra o bullying em escolas de ensino fundamental norte-americanas. | Programas de prevenção ao bullying eficazes focam em fatores individuais, entre pares, famílias, escolas e comunidades. Além disso, incluem o desenvolvimento e apoio para profissionais da escola, avaliação do programa, ações que envolvam toda a escola, em parceria com família e comunidade. |
| Sadjadi et al., 2021 | Bullying / vitimização entre pares | 20 | Examinar estudos qualitativos que sobre violência escolar. | Na implementação de programas para a redução da violência escolar se recomenda garantir o envolvimento de toda a comunidade escolar, a promoção da saúde e habilidades sociais nas escolas, políticas e diretrizes nacionais de apoio, melhoria da comunicação entre instituições envolvidas, promoção de clima positivo entre a equipe escolar e uso de dados locais para avaliar o problema. |
| Gonçalves et al., 2019 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 19 | Investigar os tipos de intervenções utilizadas com adolescentes em situação de bullying escolar. | Foram avaliadas três categorias de intervenção mediadas por professores e equipe escolar (n=11), por profissionais de fora da escola (n = 6), e por estudantes (n = 3). Dentre essas, aquelas mediadas por profissionais de dentro e fora da escola apresentaram os melhores resultado de eficácia na redução do bullying. |
| Hong et al., 2014 | Bullying / vitimização entre pares | 43 | Avaliar pesquisas existentes sobre prevenção do bullying em escolas sul-coreanas. | Os programas de intervenção mais eficazes adotam uma abordagem ampla, atuando em múltiplos níveis (ex., estudante, família, escola). Contudo, há necessidade de mais pesquisas sobre a eficácia desses programas em especial entre estudantes mais velhos. |
| Stroppa & Lourenço, 2018 | Violência escolar em geral | 60 | Examinar propostas de intervenções para combater ou prevenir a violência escolar. | Dentre 60 estudos, apenas 23 apresentam diretamente dados de intervenções. As abordagens de combate ao bullying incluíram: informação sobre como lidar com a violência, promoção de competências socioemocionais (ex., empatia e assertividade), resolução de conflitos, estratégias da comunicação, estratégias de coping, controle de raiva e impulsividade, combate à intolerância, e promoção da autoestima e valores éticos dos alunos. |

| | | | | | |
|---|-------------------------|---|----|--|--|
| 1.4. Intervenções online / tecnológicas | Vandebosch et al., 2022 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 14 | Examinar as evidências sobre o uso da tecnologia para lidar com a vitimização entre pares relacionada à etnia. | Jogos on-line, vídeos, mídias sociais e programas baseados em bate-papo podem ser usados como ferramentas isoladas ou como parte de programas de intervenção (ao nível da escola, família ou comunidade). |
| | Yosep et al., 2023b | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 10 | Revisar o método de intervenção de enfermagem on-line em estudantes para reduzir o impacto negativo do bullying. | A revisão destacou que, embora haja pesquisa limitada sobre o uso da tecnologia (ex., jogos online, redes sociais e aplicativos móveis) para lidar com a agressão entre pares relacionada à etnia, os estudos existentes oferecem indicadores promissores de eficácia sobre o uso de tecnologia para a prevenção desse problema. |
| 2. Eficácia das intervenções | | | | | |
| 2.1. Nenhum efeito | Silva et al., 2018 | Bullying / vitimização entre pares | 6 | Examinar a eficácia de intervenções em habilidades sociais na redução de bullying entre crianças e adolescentes. | Os estudos examinados, apesar de variarem em eficácia, mostraram algum potencial em reduzir casos de bullying, e intervenções mais amplas envolvendo toda a comunidade escolar tendem a ser mais eficazes. Entretanto, a metanálise não encontrou uma diminuição significativa da vitimização ou agressão com intervenções concentradas apenas na promoção de habilidades sociais. |
| 2.2. Efeitos significativos | Huang et al., 2019 | Bullying / vitimização entre pares | 22 | Identificar efeitos de programas com componente parental na redução do bullying. | Dentre 22 estudos avaliando programas que envolviam pais no processo de combate ao bullying, 17 relataram a eficácia do programa na redução da perpetração de bullying, e 19 na redução de vitimização por pares. Os tipos de abordagem usados para abordar pais incluíram oficinas para pais, o envio de materiais informativos e reuniões sobre bullying, dentre outras. |
| | Healy et al., 2020 | Agressão entre estudantes | 15 | Examinar intervenções psicossociais baseadas na escola para prevenção da agressão entre crianças. | Dos 15 estudos incluídos, 14 relataram pelo menos algum efeito positivo quanto a redução de comportamentos agressivos de crianças. As abordagens se concentraram na de competências socioemocionais, e beneficiaram especialmente crianças que tinham problemas comportamentais, como baixo autocontrole. |
| | Baumgarten et al., 2022 | Violência entre professores e estudantes | 4 | Analisar a eficácia de intervenções escolares na diminuição da violência de professores contra alunos. | As intervenções escolares voltadas para reduzir a violência de professores contra crianças mostraram-se amplamente eficazes, e até mesmo beneficiaram crianças com deficiências. |

| | | | | |
|--------------------------|---|-----|--|--|
| Ttofi & Farrington, 2011 | Bullying / vitimização entre pares | 89 | Revisão da eficácia de programas contra o bullying nas escolas. | A meta-análise mostrou que os programas antibullying nas escolas são eficazes. De modo geral, a perpetração de bullying diminuiu de 20% a 23% entre os programas avaliados, e a vitimização diminuiu de 17% a 20%. Programas que incluem abordagens como reuniões com pais, melhoria de práticas disciplinares da escola, supervisão aprimorada do recreio, promoção de competências socioemocionais (ex. empatia e gerenciamento de raiva) mostraram resultados positivos na redução do bullying. |
| Polanin et al., 2012 | Bullying / vitimização entre pares | 11 | Analisar a efetividade de programas de prevenção ao bullying no comportamento de espectadores (<i>bystanders</i>). | Houve um aumento significativo na probabilidade de estudantes intervirem ao observarem situações de bullying envolvendo colegas. As abordagens mais eficazes foram aquelas focadas em ensinar aos estudantes estratégias pacíficas para abordar incidentes de bullying. |
| Valle et al., 2020 | Bullying / vitimização entre pares | 17 | Identificar características metodológicas e principais resultados de intervenções antibullying sob a abordagem envolvendo toda a escola (<i>whole-school</i>). | Intervenções contra o bullying na abordagem “toda a escola” são eficazes na redução da prevalência de bullying, além da melhoria da resposta de professores e estudantes diante de tais incidentes. A eficácia dessas intervenções está associada à duração, intensidade, qualidade da implementação e especialmente ao envolvimento dos principais atores escolares (estudantes, professores e pais). A mudança no clima escolar e no comportamento dos espectadores de bullying também são componentes eficazes nessa abordagem. |
| Fernandes et al., 2022 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 26 | Analisar aspectos metodológicos e resultados de intervenções contra o bullying. | A maioria dos estudos avaliados apresentaram resultados satisfatórios na redução do bullying e cyberbullying. A eficácia das intervenções variou conforme o tipo, duração e contexto da intervenção. As estratégias eficazes incluem aspectos como a promoção de melhorias no clima escolar, informação sobre bullying e envolvimento de toda a comunidade escolar. |
| Gaffney et al., 2019 | Bullying / vitimização entre pares | 100 | Realizar uma meta-análise da eficácia dos programas contra o bullying baseados em escolas. | Programas contra o bullying estão associados a redução de perpetração de bullying (redução de 19-20%) e vitimização (redução de 15-16%). |
| Lopez et al., 2022 | Violência escolar em geral | 23 | Explorar as associações entre atitudes em relação à violência e comportamentos violentos na escola. | As intervenções com foco na redução da violência escolar podem focar em conhecimento, atitudes e autopercepção, ao invés de enfatizar comportamentos de bullying. Intervenções que |

| | | | | | |
|------------------------|------------------------------|--|----|--|---|
| | | | | | consideram atitudes em relação à violência são eficazes para melhorar o clima escolar. |
| | Lester et al., 2017 | Violência nos relacionamentos íntimos, agressão entre estudantes | 36 | Explorar revisões sistemáticas que abordam a prevenção da violência escolar. | Foram identificadas intervenções para violência por parceiro íntimo (VPI) e agressão entre pares, em sua maioria estudos norte-americanos, de qualidade moderada. Apenas alguns programas foram efetivos na prevenção da VPI. |
| 2.3. Resultados mistos | Hall, 2017 | Bullying / vitimização entre pares | 21 | Analisar a efetividade da implementação de políticas escolares contra o bullying. | Alguns estudos encontraram uma conexão entre a existência de regras específicas contra o bullying e as respostas dos educadores a esse tipo de comportamento, enquanto outros não, talvez relacionado à qualidade da implementação de regras. Um achado consistente entre vários estudos foi que a implementação de políticas antibullying específicas protegendo direitos de estudantes LGBT estavam associadas à redução de bullying. |
| | Jiménez-Barbero et al., 2019 | Bullying / vitimização entre pares | 16 | Avaliar as associações entre a disciplina de Educação Física nas escolas e a violência escolar e o bullying. | Alguns aspectos da Educação Física podem melhorar as habilidades dos alunos para lidar com as situações de bullying, mas faltam estudos para compreender este processo. |
| | Silva et al., 2017 | Bullying / vitimização entre pares | 18 | Verificar a eficácia de intervenções contra o bullying escolar. | As intervenções para prevenir o bullying variaram em eficácia de acordo com o tipo de intervenção, contexto sociocultural e idade dos estudantes. As abordagens envolvendo toda a escola tiveram melhores resultados. Intervenções focadas apenas em habilidades sociais mostraram eficácia limitada. |
| | Torgal et al., 2023 | Cyberbullying | 9 | Sintetizar o impacto dos programas escolares de prevenção ao cyberbullying entre os alunos do ensino fundamental e médio. | Os programas escolares de intervenção no cyberbullying não tiveram um efeito significativo em aumentar o comportamento ativo de espectadores de situações virtuais de violência. No entanto, alunos que receberam a intervenção relataram aumentos em comportamentos de defesa ao observar situações de violência online. |
| | Estévez et al., 2019 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 11 | Realizar um levantamento de avaliações de programas de intervenção em bullying desenvolvidos na Espanha em escolas de nível médio. | Os programas apresentaram resultados positivos, porém dadas as especificidades do contexto educacional avaliado não é possível generalizar a eficácia. |

| | | | | | |
|---|------------------------|---|----|--|---|
| | Sivaraman et al., 2019 | Bullying / vitimização entre pares | 3 | Avaliar a eficácia de intervenções escolares para reduzir e prevenir o bullying entre adolescentes em países de baixa e média renda. | Apenas três programas foram avaliados, com resultados mistos. Dois programas mostraram uma redução no bullying e um não apresentou efeitos significativos. |
| | Silva & Assis, 2017 | Violência escolar em geral | 33 | Levantar estratégias de prevenção e enfrentamento à violência escolar. | Os estudos resultados destacam a importância de medidas robustas por parte do governo e uma participação proativa das escolas no combate à violência. Quanto à qualidade e efetividade dos programas de prevenção, são identificados resultados mistos e a necessidade de considerar fatores como o clima escolar e a capacitação dos docentes na sua implementação. |
| | Alford & Derzon, 2012 | Bullying / vitimização entre pares | 46 | Revisar a eficácia de programas escolares na redução simultânea de vários comportamentos violentos e antissociais | Embora os programas escolares avaliados tenham demonstrado eficácia na redução de diversos comportamentos violentos e antissociais, nenhum deles demonstrou eficácia para todos os resultados simultaneamente. |
| | Cantone et al., 2015 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 17 | Revisar ensaios randomizados para avaliar a eficácia das intervenções escolares sobre bullying e cyberbullying. | A maioria dos estudos avaliados concentrou-se na redução de comportamentos agressivos, enquanto poucos abordaram a vitimização ou cyberbullying. E embora 80% dos estudos tenham relatado resultados positivos quanto a redução de algum dos aspectos avaliados, a duração dos efeitos a longo prazo foi limitada. Fatores como gênero, idade e status socioeconômico também influenciam as experiências de bullying e a eficácia das intervenções. |
| | Hankin et al., 2011 | Segurança na escola | 7 | Analisar o impacto do uso de detectores de metais em escolas na violência escolar e na percepção de segurança. | Não há evidências de que a presença de detectores de metal reduza a violência escolar, mas o uso de detectores pode reduzir a percepção de segurança por parte dos estudantes. |
| 3. Qualidade de pesquisas sobre intervenções | | | | | |
| 3.1. Estudos experimentais | Houchins et al., 2016 | Bullying / vitimização entre pares | 6 | Examinar a qualidade de estudos experimentais de intervenção de bullying para estudantes com deficiência. | Destaca limitações de qualidade em estudos sobre programas contra o bullying para estudantes com deficiência. Dentre os seis estudos experimentais incluídos na revisão, apenas um estudo atendeu a todos dos indicadores de qualidade, que envolviam: contexto e configuração, participantes, agente da intervenção, |

| | | | | | |
|----------------------------|------------------------------|---|----|--|--|
| | | | | | descrição da prática, fidelidade da implementação, validade interna, variáveis dependente/independente, e análise de dados. |
| 3.2. Metodologias variadas | Chalamandaris & Piette, 2015 | Bullying / vitimização entre pares, Cyberbullying | 62 | Avaliar delineamentos utilizados em pesquisas de avaliação de intervenções contra o bullying em escolas. | Ao avaliar intervenções contra o bullying em escolas, notou-se uma significativa variabilidade nas metodologias de pesquisa. Essa inconsistência torna difícil comparar a eficácia das diferentes abordagens, ressaltando a importância de adotar medidas para aperfeiçoar a avaliação desses programas. |

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.